A Verdade Proibida

Considerações sobre um passado que não quer passar
Perguntas sobre uma notoriedade, a qual não é evidente nem pública

Três gerações após o término da guerra, um capítulo da história, chamado Holocausto desde 1979, ocupa os canais de informação mais do que nunca. Há décadas, raramente passa-se um dia sem a ritualística lamentação seja na imprensa ou no rádio, assim como na televisão.

Porém, à sombra da instrumentalização sem igual do Holocausto, a verdade histórica vigente se distância cada vez mais dos fatos históricos objetivos. Ao mesmo tempo, perguntas legítimas oriundas das inúmeras incertezas e contradições, são impedidas judicialmente por um Dogma imposto.

O Memorial no coração de Berlim: 50.000 toneladas de concreto devem consolidar o mito do Holocausto

Um gigantesco memorial do Holocausto, do tamanho de dois estádios de futebol, está sendo construído no coração de Berlin, apesar da escassez dos recursos públicos e contra a vontade da população.

As 2.751 lápides de concreto simbolizam a desesperada tentativa de cimentar uma representação da história extremamente duvidosa e não permitir qualquer discussão racional. Dúvidas sobre a leitura oficial do Holocausto são reprimidas com ameaças de punições draconianas.

Na Alemanha (*Bundesrepublik Deutschland*), segundo se diz *"O Estado mais livre que já existiu em solo alemão"*, inúmeras pessoas são perseguidas judicialmente devido a delitos de opinião, mais até que nos últimos anos do regime da Alemanha Oriental (*DDR*).

Em vista desta repressão vergonhosa da liberdade de expressão, surge a seguinte pergunta: Que espécie de Verdade é esta, que se espanta à luz da discussão pública e, ainda por cima, é imposta pelo código penal ? Esta pergunta deve ser investigada aqui.

Índice:

1. Propaganda de atrocidades

"Não existe povo mais benevolente, mas também mais influenciável do que o alemão. Pode-se inventar a mentira mais descarada, os alemães acreditam nela. Através de uma mensagem dirigida a eles, eles perseguem seus compatriotas com amargura maior do que a seus reais inimigos"
(Napoleão)

A propaganda de atrocidades é uma arma psicológica, a qual é usada em todas as guerras modernas para aumentar a moral das próprias tropas, assim como direcionar a opinião pública na direção desejada. Nos tempos de paz são então utilizados, na maioria das vezes, discursos reconciliatórios.

Mas ao final da segunda guerra mundial, as potências vencedoras continuaram indiminutamente com sua propaganda de atrocidades contra a Alemanha subjugada e arrasada – provavelmente com a intenção de desviar a atenção de seus próprios crimes de guerra (p.ex. guerra de extermínio através do sistemático bombardeamento das cidades alemãs[1], a expulsão e assassinato de milhões de civis alemães) ou tentar passar a impressão que estes atos de terror seriam moralmente justificados na luta contra "o puro e simples Mal".

Civis "libertados" através das bombas aliadas: Dresden em Fevereiro 1945

Os resultados do terror das bombas aliadas foram doloridamente reais. Em contrapartida, as acusações das potências vencedoras foram tão absurdas, que nenhuma pessoa com um mínimo de inteligência deveria levá-las a sério. Todavia, as seguintes afirmações foram inúmeras vezes apresentadas em filmes documentários, artigos de jornais e livros, assim como eventualmente consideradas comprovadas:

- Assassinatos em massa nas câmaras de vácuo e vapor[2]
- Assassinatos em massa nas linhas de produção eletrificadas e incineração dos corpos em alto forno[3]
- Eliminação sem deixar rastro de 20.000 pessoas, de uma só vez, através de bombas atômicas[4]
- Assassinato de alguns milhões de pessoas com um produto para despiolhamento[5]
- Covas coletivas, da qual o sangue fresco espirrava para o alto, semelhante a uma fonte[6]
- Crematórios de funcionamento elétrico, escondidos em gigantescos cômodos subterrâneos[7]
- Gás venenoso de efeito retardado, para que a vítima por si própria ainda pudesse ir da câmara de gás até a cova coletiva. Diante desta cova, as vítimas caiam mortas subitamente[8]

Estes e parecidos contos de terror foram usados até mesmo como provas da acusação no Tribunal Militar Internacional (IMT) em Nuremberg. Como resultado deste encenado espetáculo internacional da justiça, a absurda propaganda de guerra sofreu uma mutação gradual, tornando-se uma Verdade imposta por lei: No acordo de soberania parcial da Alemanha, todas as decisões e veredictos do IMT referentes às repartições públicas e tribunais alemães, devem *"em qualquer circunstância serem impostos ao Direito Alemão, regulamentadas e sancionadas"*[9]. A representação oficial do Holocausto é hoje um "fato notório" e, apesar das horripilantes contradições da Justiça alemã, goza da mesma categoria das Leis da Natureza.

---

1 Eberhard Spetzler, *Luftkrieg und Menschlichkeit*, Musterschmidt, 1956, assim como Jörg Friedrich, *Der Brand. Deutschland im Bombenkrieg 1940-1945*, Propyläen Munique, 2002

2 IMT Documento PS-3311; W. Grossmann, *Die Hölle von Treblinka*, Verlag für fremdsprachige Literatur, Moskau 1947; Anti-Defamation League of B'nai B'rith, *The Holocaust in History*, The Record 1979

3 Boris Polevoi, *Das Todes-Kombinat von Auschwitz*, Prawda, Moskau, 02 de Fevereiro 1945

4 US-Promotor Robert Jackson em 21 de Junho 1946 contra Albert Speer: IMT Band XVI, pág. 529

5 IMT Documento 3868 - PS

6 A. Rückerl, *NS-Vernichtungslager im Spiegel Deutscher Strafprozesse*, dtv Munique, 1978; Hanna Ahrend, *Eichmann in Jerusalem*, Reclam Leipzig 1990

7 Stefan Szende, *Der letzte Jude in Polen*, Europa-Verlag, Zürich 1945; Simon Wiesenthal, *Der Neue Weg*, 19/20, Wien 1946; *The Black Book of Polish Jewry*, 1946; M. Tregenza, *Belzec Death Camp*, The Wiener Library

8 Informations-Bulletin de 8 de setembro 1942, primeira publicação proveniente do movimento clandestino polonês "Armia Krajowa."; citado por Yitzhak Arad, *Belzec, Sobibor, Treblinka*, Bloomington 1987, pág. 353 ed.

9 Art. 7, "Überleitungsvertrag", BGBl., 1955 II, P. 405 ed; confirmado no acordo adicional "2+4 Vertrag"

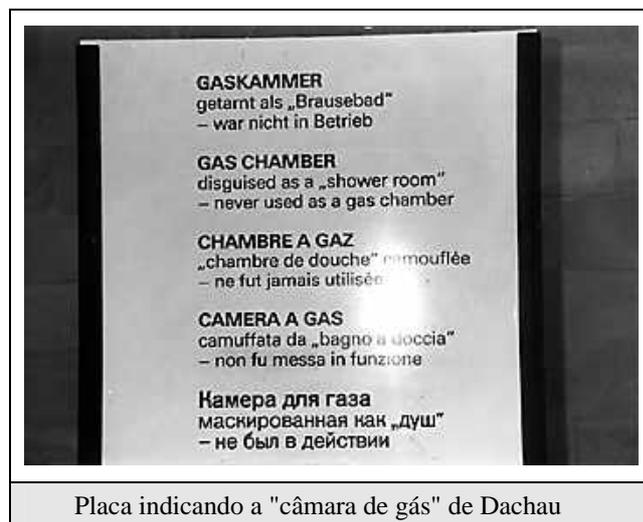
2. A transformação milagrosa da Verdade histórica

"Em solo alemão não existiu qualquer campo de extermínio"
(Simon Wiesenthal[10])

Logo após o final da guerra, a existência de câmaras de gás nos campos de concentração dentro do território do Império (Reich), ou seja p. ex., em Buchenwald, Bergen-Belsen e, principalmente em **Dachau**, foi considerada como comprovada, com base em confissões e depoimentos de testemunhas oculares.

O jornal *Berner Tagwacht* relatou em sua edição de 24 de Agosto de 1945, com grande destaque, que a Alemanha de Hitler tinha "*assassinado no total 26 milhões de judeus, na sua maioria em Dachau"*. Até 1960, os campos dentro do antigo território do Reich eram considerados os principais campos de extermínio. Por outro lado, os campos na Polônia, p.ex. Auschwitz, Treblinka e Sobibor, não tinham grande importância nos relatórios daquela época.

2.1 Nenhum gaseamento em Dachau

A tese, na qual nos campos de concentração dentro do Reich teriam sido mortas pessoas em câmaras de gás, foi rejeitada oficialmente já em 1960, e inicialmente, por **Martin Broszat**, funcionário, e depois por muitos anos, diretor do Instituto de Munique para História Contemporânea (IfZ). Numa carta do leitor no jornal *Die Zeit,* Broszat declara de forma contundente:

Placa indicando a "câmara de gás" de Dachau

"Nem em Dachau nem em Bergen-Belsen nem ainda em Buchenwald foram gaseados judeus ou outros internos. As câmaras de gás em Dachau nunca foram totalmente concluídas... Os centenas de milhares de internos, que morreram em Dachau ou em outros campos no antigo Reich, foram vítimas sobretudo de condições catastróficas de higiene e de abastecimento ..."[11]

Broszat arrumou com esta declaração, que a Verdade histórica propagada oficialmente ao longo de 15 anos nada mais foi que a repetitiva e intrigante propaganda do terror das potências vencedoras. Desde então, encontra-se na "câmara de gás" de Dachau, uma placa com os seguintes dizeres em vários idiomas: *"câmara de gás – camuflada como 'ducha' – não entrou em funcionamento"*

Para se evitar um grande dano para a *"pedagógica popular desejada Verdade histórica"*[12], os campos localizados na Polônia tiveram sua propaganda aumentada após esta grave revisão da história oficial. Aqui vale mencionar principalmente o efeito na mídia dos encenados processos-NS: p.ex. o processo contra Eichmann, em Jerusalém, ou o processo conhecido como "A Mentira de Auschwitz", em Frankfurt junto ao rio Meno.

Historiadores reconhecidos não puderam explicar até hoje, como que os depoimentos das testemunhas oculares e as confissões sobre os gaseamentos em Auschwitz, Treblinka ou Sobibor poderiam ser mais confiáveis do que aqueles longamente refutados relatos sobre as pretensas câmaras de gás no antigo território do Reich.

Ainda assim, os guardiões da oficialmente promulgada Verdade histórica conseguem dispersar temporariamente a dúvida sobre a tese das câmaras de gás. Todas as subseqüentes perguntas são declaradas tabu, ou apontadas para os campos do outro lado da cortina de ferro, os quais até 1989 eram inacessíveis para investigadores independentes.

---

10 Books and Bookmen, abril 1975

11 Martin Broszat, *Keine Vergasungen in Dachau,* Die Zeit, Hamburg, 19 de agosto 1960

12 Formulação do historiador Golo Mann: "volkspädagogisch erwünschte Geschichtswahrheit"

2.2 Para onde eles foram ?

"Existem mentiras, existem mentiras infames, e então existem ainda as estatísticas"
(Winston Churchill)

A pergunta sobre quantas pessoas realmente caíram mortas sob o Holocausto, geralmente é rotulada como anti-semitismo. Não raramente, uma contra-pergunta com um tom de indignação moral é colocada: "*Se os seis milhões de judeus não foram gaseados, para onde eles foram então ?"* Com este argumento, um número injustificado é trazido à tona como uma constante universal. Qualquer pessoa que considerar este número como sendo irreal, é desafiada a explicar o paradeiro das supostas ou reais vítimas do Holocausto.

Freqüentemente, dados estatísticos encontrados sobre o censo da população judaica em cada país são confusos, pois havia durante a guerra significativos movimentos migratórios. Além disso, a demarcação das fronteiras na Europa se alteraram substancialmente depois da guerra, o que dificultou ainda mais o levantamento dos diversos grupos étnicos em cada um dos países.

Assim p.ex. fixou-se a fronteira polonesa depois de 1945 em cerca de 200 km para o oeste; as partes sul e leste da Polônia caíram em poder da União Soviética, as regiões a leste do Reich Alemão caíram em poder da Polônia. Justamente no leste e sul da Polônia (Galizien, Bukowina) viviam muitos judeus, os quais não aparecem mais nas estatísticas populacionais da Polônia pós-45, devido à alteração da fronteira.

A comparação da população judaica mundial antes e depois da segunda guerra mundial é, portanto, a única possibilidade objetiva para definir o provável número de vítimas do Holocausto.

Os levantamentos subseqüentes da população judaica descendem de fontes contemporâneas. Os números citados em diferentes publicações foram assumidos entre outros, pelo American Jewish Committee (ou seja, por uma organização judaica) e se referem a todos os judeus, independentemente se eles pertencem ou não, a uma sinagoga ou comunidade judaica.

População judaica mundial antes da Segunda Guerra Mundial

The National Council of Churches, USA 1930:	15,3 Milhões
Jewish Encyclopedia, USA 1933:	15,6 Milhões
World Almanach 1939:	15,6 Milhões

População judaica mundial depois da Segunda Guerra Mundial

World Almanach 1945:	15,19 Milhões
World Almanach 1947:	15,75 Milhões
Levantamento de organizações judaicas mundiais para 1947:	15,6 – 18,7 Milhões[13]

A população judaica mundial permaneceu então quase que constante entre 1930 e 1947. O número de vítimas do Holocausto não pode ser em vista disso maior que o crescimento natural da população durante este período. Um artigo do jornal *Basler Nachrichten* de 13 de junho de 1946 parece confirmar esta averiguação. Neste artigo consta o seguinte sobre o provável número de vítimas judaicas:

"…hoje já se tem a certeza: A afirmação que este número corresponde a 5-6 Milhões (uma afirmação que incompreensivelmente a comissão palestina também utiliza) não é verdadeira. O número de vítimas judaicas pode se movimentar entre 1 e 1,5 Milhão, porque nada mais estava ao alcance de Hitler e Himmler. Mas é para se supor e esperar que a cifra final das perdas do povo judeu situe-se ainda abaixo deste número…"

Estas recentes fontes falam uma inequívoca línguagem. Porém, à vista das incontáveis meias-verdades e mentiras sobre a representação oficial do Holocausto, não seria muita surpresa que os dados estatísticos da população judaica mundial também fossem sucessivamente ajustados para deixar plausível a alegação sobre as 5 - 6 milhões de vítimas. Uma das mais evidentes manipulações é encontrada no *World Almanach.* Nas edições dos anos 1948 e 1955 são indicados os seguintes números para a população judaica:

---

13 Hanson W. Baldwin, New York Times, 22 de fevereiro 1948

O Holocausto estatístico entre 1948 e 1955:

World Almanach, Edição do ano:	**1948**	**1955**
População judaica na América do Norte	4.971.261	5.222.000
População judaica na América do Sul	226.958	638.030
População judaica na Europa	**9.372.666**	**3.424.150**
População judaica na Ásia	572.930	1.609.520
População judaica na África	542.869	675.500
População judaica na Oceania	26.954	58.250
População judaica mundial:	**15.753.638**	**11.627.450**

Os números para a população judaica na Europa chamam bastante a atenção: Somente em 1955, ou seja, depois que as "únicas e definitivas" indenizações foram transferidas ao recente fundado Estado de Israel, desapareceram de forma inexplicável cerca de seis milhões de judeus europeus das estatísticas de numerosas publicações e almanaques.

2.3 Acrobacia numérica à la Auschwitz

"A Glick hot unz getrofen! Seis milhões de judeus foram assassinados e nós recebemos dinheiro por isso!"
(Shmuel Dayan, Deputado do Knesset)[14]

Desde o início dos anos 60, o campo de concentração Auschwitz-Birkenau é designado como o maior e mais importante campo de extermínio do Regime-NS. Auschwitz torna-se símbolo para o pior crime da história da humanidade. Todos os relatos sobre este tema valem como "público e notório"; eles têm diante da Justiça Alemã não apenas o mesmo caráter como as Leis da Natureza, mas são ainda ditados pelo código penal.

Em vista desta agressivamente propagada certeza, é muito estranho que os números "públicos e notórios" de vítimas variem em mais de cem vezes, de acordo com a fonte e a data do relato. Numa mesma edição, o jornal *Welt am Sonntag* conseguiu até apresentar números que se diferem em até 60%:

31. 12. 1945: Comissão francesa para investigação de crimes de guerra alemães	8.000.000
01. 10. 1946: Tribunal Militar Internacional, Documento 3868-PS	3.000.000
08. 01. 1948: *Welt im Film*, Documentário Nr. 137	300.000
20. 04. 1978: *Le Monde*	5.000.000
20. 04. 1989: Eugen Kogon, *Der SS-Staat*	4.500.000
25. 07. 1990: *Hamburger Abendblatt*	2.000.000
27. 09. 1993: *Die Welt*	800.000
01. 05. 1994: *Focus*	700.000
17. 08. 1994: Serviço de procura internacional Arolsen, IKRK*	68.864
31. 12. 1994: Jean-Claude Pressac, *Die Krematorien von Auschwitz*	631.000
22. 01. 1995: *Welt am Sonntag*, página 21	1.200.000
22. 01. 1995: *Welt am Sonntag*, página 22	750.000
25. 01. 1995: *Wetzlarer Neue Zeitung*	4.000.000
27. 01. 1995: Instituto de História Contemporânea (IfZ), Munique	1.000.000
01. 05. 2002: Fritjof Meyer, na revista *Osteuropa*	356.000

*) O único número de vítimas de Auschwitz comprovado sem sombra de dúvidas foi levantado com base nos livros oficias de óbitos, os quais foram descobertos por acaso em 1989, num arquivo de Moscou. Todos os outros números se baseiam na contestável afirmação de que pessoas incapazes de trabalhar - principalmente idosos e crianças - não foram registradas, mas sim "selecionadas" e "gaseadas", imediatamente após sua chegada ao campo. Mais aqui no Capítulo 2.4.

14 Tom Segev, *The Seventh Million - The Israelis and The Holocaust, Hill and Wang*, New York 1994, pág. 223

4 milhões de vítimas em Auschwitz: Em Nuremberg "comprovadas", porém, epígrafe retirada das lápides em 1990

No processo de Nuremberg, o número de quatro milhões de vítimas em Auschwitz foi considerado como comprovado, e na entrada do Memorial Auschwitz "para todo o sempre entalhado na pedra". Em virtude das emergentes e claras disparidades, as lápides foram retiradas em 1990, entretanto, sem muito alarde na mídia[15]. **Fritjof Meyer,** um antigo redator da revista *Der Spiegel*, chegou ao resultado em maio de 2002, na revista Osteuropa que é editada sob a responsabilidade de **Rita Süssmuth**, em função da nova descoberta de arquivos, que o número de vítimas de Auschwitz situa-se abaixo de um décimo do número "comprovado" em Nuremberg. Esta notícia deveria ser uma das mais agradáveis para aqueles que desejam o bem dos judeus. Mas justamente grupos judaicos influentes rejeitam veementemente a feliz mensagem.

Que estes grupos teimam contra toda a razão a favor do número total de seis milhões de vítimas do Holocausto, pode ser provavelmente explicado pelo fato que o número seis tem um significado místico, para não dizer religioso, para os hebreus[16]. Neste contexto é interessante, que já em 1919 (!) grupos judaicos afirmavam que na Europa Oriental cerca de seis milhões de judeus estavam ameaçados por um "Holocausto". Este absurdo conto de terror foi lançado ao mundo por ninguém menos, do que o governador do estado de Nova Iorque, **Martin H. Glenn**.[17]

Nahum Goldmann, outrora presidente do World Jewish Congress, comenta em seu livro *Das jüdische Paradox*[18] com sincera abertura, a descarada instrumentalização do Holocausto baseado numa aritimética cadavérica: ***"Eu não exagero. A vida judaica consiste em dois elementos. Folhar dinheiro e protestar."***

2.4 Os livros de óbitos oficiais

A dúvida sobre o anunciado número oficial de vítimas de Auschwitz aumentou, quando em 1989, os até então considerados livros originais de óbito oficiais de Auschwitz foram encontrados e alguns historiadores independentes tiveram a oportunidade de avaliar este importante documento histórico. Os livros de óbitos caíram nas mãos do exército vermelho em janeiro de 1945 e passaram despercebido ao longo de 44 anos nos arquivos soviéticos. Nos 46 volumes encontrados estão assinalados 68.864 óbitos. O número de mortos durante todo o funcionamento do complexo dos campos Auschwitz--Birkenau, situa-se segundo a estimativa do curador do museu Auschwitz, **Franciszek Piper**, em cerca de 100.000[19].

Comparando a estimativa de Pipers com os números de vítimas apresentados inicialmente, resulta uma diferença de cerca de 3,9 Milhões. Mas também com essa grosseira discordância, os reconhecidos historiadores não ficam devendo uma resposta: Muitas vítimas não foram contabilizadas nos óbitos de Auschwitz, porque todos os detentos considerados inaptos ao trabalho, foram já na entrada separados e executados, e sem qualquer tipo de registro.

Este argumento parece ser - pelo menos à primeira vista - uma explicação plausível para a diferença entre o número de vítimas documentado oficialmente e aquele afirmado por todos os lados. Mas então, deveriam

15 Hamburger Abendblatt, 25. 7. 1990; Jüdische Allgemeine Wochenzeitung, 26 de julho 1990; Daily Telegraph, London, *Auschwitz Deaths Reduced to a Million,* 17 de julho 1990; The Washington Times, *Poland Reduces Auschwitz Death Toll Estimate to 1 Million,* 17 de julho 1990

16 A princípio, o Messias deveria vir ao mundo para os Hebreus, depois que certas pré-condições fossem satisfeitas. Uma dessas condições consiste no fato que o "povo eleito" retorna à terra prometida, porém, não sem o sacrifício de 6 milhões de pessoas. Ver entre outros, Wolfgang Eggert, *Israels Geheimvatikan*, Propheten Verlag Munique 2001, Volume 3, pág. 326, e.d.

17 Martin H. Glenn, *The Crucifixion of Jews Must Stop* [“A crucificação dos judeus deve parar”], The American Hebrew, New York, 31 de outubro 1919

18 Nahum Goldmann, *Das jüdische Paradox,* Europäische Verlagsanstalt 1992

19 Franciszek Piper, *Wie viele Juden, Polen, Zigeuner ...wurden umgebracht*, Universitas, Cracóvia 1992. Comparar também o trabalho de Robert Faurisson, *Wieviele Tote gab es im KL Auschwitz?*, Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung, 3(3) (1999), pág. 268-272.

constar nos livros de óbitos oficiais, somente pessoas relativamente saudáveis e com idade entre 16 e 60 anos. As pessoas inaptas, ou seja, idosos e crianças, segundo a versão oficial, não foram sequer registradas, mas sim logo na chegada, selecionadas e gaseadas. Todavia, observando a lista mais detalhadamente, vários registros chamam a atenção para o fato que este argumento leva *ad absurdum*. Aqui segue um pequeno trecho:

11. 08. 1941:	Josek N., operário, 71 anos
01. 03. 1942:	Chaim R., vendedor, 81 anos
04. 06. 1942:	Ernestine H., 70 anos
22. 06. 1942:	Josef H., açougueiro, 89 anos
02. 07. 1942:	Abraham S., vendedor, 79 anos
22. 07. 1942:	David R., camponês, 70 anos
19. 08. 1942:	Armin H., vendedor, 70 anos
15. 02. 1943:	Emil K., advogado, 78 anos
01. 04. 1943:	Irmgard L., 4 anos
07. 05. 1943:	Ingrid M., 2 anos
12. 05. 1943:	Agathe B., 2 anos
25. 05. 1943:	Jan B., 2 anos
09. 08. 1943:	Paul Rudolf B., 8 anos
31. 10. 1943:	Frieda B., 4 anos
28. 11. 1943:	Grete O., 4 anos

Cada um dos registros das pessoas abaixo de 16 ou acima de 60 é uma silenciosa, mas irrefutável testemunha de que os detentos dos campos, "selecionados" como inaptos ao trabalho, foram sim registrados. Com isso, não se sustenta a afirmação de que paralelamente aos óbitos oficiais documentados, existiram outros inúmeros mortos[20].

O nome das vítimas não são mencionadas aqui por uma questão de piedade. Os originais dos livros de óbitos com os nomes completos, assim como local de nascimento, profissão, última residência, data do óbito e causa da morte, encontram-se no Museu Auschwitz. Cópias microfilmadas existem no Comitê Internacional da Cruz Vermelha (IKRK), assim como no Serviço de Procura Internacional Arolsen.

3. A Conferência de Wannsee

Segundo o relato oficial da história, foi firmada em 20 de janeiro de 1942 numa mansão do bairro Wannsee, em Berlin, a solução final da Questão Judaica[21]. Esta denominação é colocada de forma cínica como um jargão nazista para o afirmado assassinato de seis milhões de judeus, embora o termo "Solução da Questão Judaica" tenha sido utilizado, já em 1896, pelo fundador do moderno sionismo, **Theodor Herzl**[22].

O "Protocolo de Wannsee" é descrito ainda nos livros de história e nas mídias de massa, como a maior prova documentada para o Holocausto. Em contra-partida, o historiador israelita **Jehuda Bauer**, diretor do Instituto para Pesquisa do Holocausto em Yad Vashem, chamou de uma "silly story" [tola estória][23], a afirmação de que na ocasião da Conferência de Wannsee, tenha sido selada a eliminação dos judeus na Europa.

Em sua investigação *Das Wannsee-Protokoll - Anatomie einer Fälschung*[24], **Johannes Peter Ney** mostra inconsistências, as quais provavelmente são conhecidas por Jehuda Bauer e que poderia ter-lhe permitido proferir sua arrebatadora crítica. Aqui algumas importantes conclusões da análise de Ney:

---

20 Mark Weber, *Pages From The Auschwitz Death Registry Volumes: Long-Hidden Death Certificates Discredit Extermination Claims*, Journal for Historical Review, Vol. 12, No. 3, 1992

21 O termo "Solução Final" ("Endlösung"), difundido hoje em dia por toda parte, surgiu de uma falsa retradução do inglês para o alemão da palavra "Solução Geral" ("Gesamtlösung") durante o processo de Nürnberg; ver também a discussão entre Hermann Göring e Robert Jackson, IMT IX 575

22 Theodor Herzl, *Der Judenstaat. Versuch einer modernen Lösung der Judenfrage*, publicado pela primeira vez em1896

23 Jehuda Bauer, The Canadian Jewish News, 30 de janeiro 1992, pág. 8

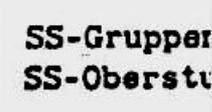
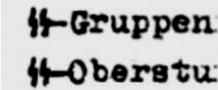
24 Johannes Peter Ney, *Das Wannsee-Protokoll - Anatomie einer Fälschung*, apresentado em: *Grundlagen zur Zeitgeschichte*, Ernst Gauss (Herausgeber) Grabert Verlag Tübingen 1994

De um modo meramente formal, faltam ao "Protocolo de Wannsee" todas as características de um protocolo: início e fim da conferência, menção às pessoas convidadas, porém que não compareceram, os nomes dos conferencistas não estão assinalados. Cabeçalho, data, distribuição, número de registro, local, assinatura, contra rúbrica do Presidente da sessão e carimbo, procura-se da mesma forma em vão neste ominoso protocolo. Resumindo: faltam todas as características de um documento público.

O estilo lingüístico caracteriza-se por um estilo peculiar e com formulações atípicas que levam a concluir, que o redator foi influenciado fortemente pela língua anglo-saxônica. Peças de retórica como "[...] *werden die* [...] *Juden straßenbauend in diese Gebiete geführt"* (os judeus são conduzidos nestas áreas construindo ruas) conduzem a uma pura fantasia do redator, pois desta forma não foi construída uma única rua sequer. Também a anotação *"Im Zuge dieser Endlösung* [...] *kommen rund 11 Millionen Juden in Betracht*" deveria chamar a atenção, pois em nenhum momento do regime NS encontraram-se tantos judeus dentro de sua área de atuação[25].

O número da população judaica em todo o território do Reich alemão, inclusive os territórios a leste, era de um pouco mais de meio milhão em 1933; destes emigraram cerca de 250.000 sem dano algum, outros 150.000 judeus serviram como soldados na Wehrmacht[26].

Enquanto que para alguns desencontros factuais ou estilísticos poderia-se encontrar uma ou outra necessária desculpa, não há qualquer explicação para a seguinte situação: Tanto dos anexos assim como também do Protocolo existem duas diferentes versões. Historiadores reconhecidos designam ora um, ora o outro "Original", como o único exemplar, de número 16 do total de 30 exemplares, fornecido na sua totalidade até agora.

A primeira versão foi encontrada por **Robert Kempner** (um judeu alemão que emigrou para os EUA nos anos 1930). Kempner, o qual retornou para a Alemanha em 1945 e, entre outros, foi acusador no processo da Wilhelmstraße, Nuremberg, não fez referência alguma quanto às ciscunstâncias de seu achado. Apesar da origem inexplicada, o "Protocolo de Wannsee", fornecido por Kempner, foi considerado como prova material e recebeu o número de registro G-2.568. Tempos depois, ele publicou um Fax-símile do protocolo em seu livro *Eichmann und Komplizen*[27].

"Versão original", fornecido por Kempner	"Versão original" do Ministério do exterior

Mesmo olhando rapidamente, nota-se que na versão do protocolo fornecida por Kempner, faltam as típicas Runas SS (figura à esquerda). É óbvio que o autor não tinha às mãos uma máquina de escrever, como existia a partir de 1942 em qualquer repartição pública alemã. Esta versão encontrada, um tanto infeliz, foi corrigida por um desconhecido com uma adequada máquina de escrever (figura à direita). Nesta versão aparecem de repente as autênticas Runas SS. Isto vale também para os anexos, os quais foram corrigidos da mesma forma. Aqui foi tentado inclusive, imitar uma notícia manuscrita, que no entanto não teve bom resultado. Este último citado exemplar do protocolo encontra-se, juntamente com os anexos, no arquivo político do Ministério do Exterior alemão[28].

Pelo fato dos autores da segunda versão não conseguirem substituir a versão apresentada por Kempner, das publicações já editadas, pôde ser comprovado à vista das publicações que estão ao alcance de todos (ver notas de rodapé nr. 27 und 28), que o "Protocolo de Wannsee" nada mais é do que uma grosseira falsificação. Hoje, depois que Britânicos e Norte-Americanos atacaram pela segunda vez o Iraque baseados em falsas acusações, denomina-se tal prática dos aliados paliativamente "*sexing up the dossier*" - provas documentais são produzidas segundo as necessidades.

---

25 American Jewish Yearbook, Nr. 43; Walter Sanning, *Die Auflösung der Juden Europas*, Grabert 1983
26 Bryan Mark Rigg, *Hitlers jüdische Soldaten*, Schöningh Paderborn 2003
27 Robert M. W. Kempner, *Eichmann und Komplizen*, Europa Verlag Zürich 1961
28 como Fax-símile e. o. por Peter Longerich, *Die Wannsee-Konferenz von 20. Januar 1942,* Edition Hentrich 1998

4. Citados de líderes do regime NS

Nas toneladas de documentos confiscados do regime NS pelas potências vitoriosas, não se encontra qualquer plano, ordem ou alguma outra prova para um suposto projeto de extermínio industrializado dos judeus. O especialista em Holocausto e autor de livros, o judeu **Raul Hilberg**, que vive nos EUA, explica seriamente esta escassez de provas: o plano foi tão secreto, que a totalidade das ordens foi dada através de "transmissão de pensamento" ("*meeting of minds, a consensus, mind-reading by a far-flung bureaucracy*"[29]).

Com este argumento infame, todas as perguntas relativas às provas para um suposto genocídio de seis milhões de judeus são colocadas de lado. Por outro lado, são apresentados trechos de declarações dos líderes políticos NS como prova do Holocausto. Os senhores especialistas em Holocausto se contradizem e parecem não notar: ou o plano de extermínio dos judeus foi tão secreto, que a transmissão da ordem só podia ser por telepatia e através de uma linguagem camuflada, ou o projeto foi exposto sem rodeios, de forma notória e pública. A seguir, devem ser ainda apresentadas aqui algumas declarações frequentemente mencionadas de alguns principais líderes políticos Nacionais-Socialistas-NS.

4.1 Adolf Hitler

Freqüentemente é afirmado que **Adolf Hitler** já teria anunciado em seu livro *Minha Luta* o extermínio dos judeus com gás venenoso. Neste contexto é citada a seguinte colocação: *"Se tivesse colocado no início da guerra ou durante ela, doze ou quinze mil destes hebreus depravadores do povo sob o efeito do gás venenoso, assim como tiveram de aturá-lo no campo centenas de milhares de nossos melhores trabalhadores de todas as classes sociais e profissões, então não teria sido em vão a perda de milhões de vítimas no campo de batalha. Ao contrário: doze mil patifes liquidados na hora certa, teria talvez no futuro salvo a vida de um milhão de valorosos alemães."*

Esta passagem encontra-se no segundo volume, no capítulo *O direito de desfesa*, onde Hitler discute as relações na primeira guerra mundial e ataca o marxismo, que é conduzido na Alemanha principalmente pelos judeus. Assim como a referência ao passado, como também a forma condicional *("Se tivesse")* levam à sugerir de que se trata aqui de uma pura manifestação propagandística, e de forma alguma planejada ou programada.

Seja lembrado neste contexto que o judeu **Kurt Tucholsky**, dirigindo-se àquela classe burguesa, a qual não compartilhava de sua posição pacifista, expressava o seguinte desejo:

"Queira o gás rastejar furtivamente no quarto de suas crianças. Queira que elas caiam lentamente, os bonequinhos. Eu desejo à mulher do pastor e à do chefe da redação e à da mãe do escultor e à irmã do banqueiro, que eles encontrem a dolorosa morte amarga, todos juntos."[30]

Certamente não deve ser afirmado aqui que Tucholsky planejou eliminar seus adversário com gás. Todavia, considerando o rude estilo lingüístico daquele tempo, é então até um absurdo, considerar a passagem bem mais amena de Hitler em *Minha Luta* como prova para o Holocausto.

Em seu discurso de 30 de janeiro de 1939 no Reichstag, Hitler falou pela primeira vez textualmente em eliminação com relação aos judeus:

"Se o internacional poder judaico financeiro dentro e fora da Europa conseguisse levar os povos mais uma vez a uma guerra mundial, então o resultado não será a bolchevização do mundo e com isso a vitória do poder judaico, mas sim a exterminação da raça judaica na Europa."

Historiadores reconhecidos querem com esta citação de Hitler, reconhecer uma prova do plano de extermínio, porém, não dispensam uma única palavra à primeira parte do parágrafo. A preocupação aqui expressada, de que influentes e ricos círculos judaicos poderiam levar a Alemanha à guerra, foi criada do nada ?
Com certeza seria interessante deixar aqueles círculos se pronunciarem:

Daily Express, London, 24 de Março de 1933:
"Judéia declara guerra à Alemanha ... Quatorze milhões de judeus em todo mundo estão juntos como um só homem e declaram guerra à Alemanha."

---

29 Raul Hilberg, citado em: George De Wan, *The Holocaust in Perspective*, Newsday, Long Island, New York, 23 de fevereiro 1983

30 Die Weltbühne, XXIII. Jahrgang, Nr. 30 de 26 de julho 1927, página 152

O líder sionista Wladimir Jabotinsky, em janeiro de 1934, no jornal judaico *Tatscha Retsch*:
"Nosso interesses judaicos exigem o definitivo extermínio da Alemanha"

The Youngstown Jewish Times, 16 de abril de 1936:
"Depois da próxima guerra não existirá mais uma Alemanha. A partir de um sinal de Paris, se colocaram em movimento França e Bélgica, assim como os povos da Tchecoslováquia, para esmagar mortalmente com um movimento de pinça, o colosso alemão. Eles irão separar a Prússia e a Bavária um do outro e aniquilar a vida nestes Estados."

The American Hebrew de 30 de abril de 1937:
"Os povos chegarão à seguinte conclusão de que a Alemanha nazista merece ser exterminada da família das nações."

Estes são alguns poucos exemplos de um grande mar de propaganda anti-alemã. Diante deste cenário, o discurso de Hitler em 30 de janeiro de 1939 não foi nada mais do que uma equivalente estilística réplica à contínua incitação à guerra e às publicamente afirmadas fantasias de genocídio dos sionistas, porém, de forma alguma, a proclamação do extermínio dos judeus.

Citado integralmente e analisado no contexto da época, o freqüentemente usado citado de Hitler contradiz sobretudo a ainda predominante tese de que o regime NS almejava por si só uma guerra. O procurador-chefe britânico do IMT, **Sir Hartley Shawcross** expressou, aliás num discurso em 16 de março de 1984, o seguinte tardio juízo em relação à pressuposta intenção de guerra de Hitler:

"Passo a passo tenho chegado sempre mais à convicção, que os objetivos do comunismo na Europa são tenebrosos. Eu acusei os Nacionais-Socialistas em Nuremberg. Juntamente com meu colega russo, eu condenei a agressão e o terror nazista. Hitler e o povo alemão não quiseram a guerra ! Segundo os princípios da nossa política Balance of Power, através do estímulo dos 'Americanos' [31] *junto a Roosevelt, nós declaramos guerra à Alemanha para exterminá-la. Nós não respondemos às diferentes súplicas de paz por parte de Hitler. Agora nós devemos reconhecer que Hitler estava certo. Ao invés de uma Alemanha cooperativa que ele nos ofereceu, temos o enorme poder imperialista soviético. Eu me sinto envergonhado e humilhado, para ver agora, como os mesmos objetivos que atribuímos a Hitler, são perseguidos agora sob um outro nome e as mesmas táticas são usadas desenfreadamente."* [32]

4.2 Discurso de Heinrich Himmler em Posen

Freqüentemente são citados trechos de dois discursos de **Heinrich Himmler** em 4 e 6 de outubro de 1943, diante de líderes do NSDAP, em Posen. Himmler deve ter se expressado de forma estranhamente aberta sobre a suposta eliminação planejada dos judeus num trecho questionável de seu discurso. A reprodução dos dois discursos, ainda que parcial, iria extrapolar o objetivo deste trabalho.
Wilhelm Stäglich[33] citou integralmente e analisou criticamente os dois discursos. As mais importantes contradições deixam-se resumir da seguinte forma:

- Himmler pediu aos ouvintes, *"nunca falarem sobre aquilo"* e *"levar o segredo consigo para o túmulo";* todavia, ele discursava sem um motivo aparente para pessoas que não tinham qualquer relação com o suposto extermínio dos judeus. Também a evidente pergunta, porque Himmler logo num discurso secreto deixou gravá-lo e reproduzi-lo em disco, foi penosamente esquecida pelos reconhecidos historiadores. Seja salientado que a qualidade do tom da gravação é tão miserável, que a voz do orador é ininteligível.
- Himmler é citado com uma já comprovada falsificada declaração de que o extermínio dos judeus faz parte do programa partidário do NSDAP. Himmler era membro desde 1923 e por muitos anos chefe da propaganda do NSDAP. É difícil de acreditar que um tal deslize fosse possível, ainda mais num discurso para funcionários do partido NSDAP.
- Himmler discursa sobre o extermínio de judeus na forma passada, como se ele fosse uma ação concluída já em outubro de 1943. Isto coloca-se em total contradição com a própria representação oficial do Holocausto.

---

31 referência aqui aos hebreus Bernard Baruch, Felix Frankfurter, Henry Morgenthau e outros
32 Fritz Becker, *Im Kampf um Europa*, Stocker Graz 1991
33 Wilhelm Stäglich, *O Mito de Auschwitz (Der Auschwitz-Mythos)*, Grabert Tübingen 1979

Abstraindo estas contradições sobre o conteúdo, nota-se numa análise minusciosa dos manuscriptos do discurso, que justamente os trechos mais citados não passam no restante do documento. **David Irving** comprovou que os trechos duvidosos foram escritos com uma outra máquina, usando uma outra fita de tinta e a numeração das páginas em questão foram escritas a lápis[34]. Estes inquestionáveis indícios de uma falsificação são somente notados por aqueles historiadores que submetem os documentos originais a uma análise profunda e imparcial.

5. Documentações - Fotos e Filmes

Diz-se, a câmera não mente. Porém, quando se trata de propagar a "*pedagógica popular desejada Verdade histórica*", qualquer meio é plausível para alguns formadores de opinião. Um exemplo aqui de como fotos podem ser falsificadas inescrupulosamente e também retiradas do contexto, foi a Primeira Exposição do Exército, na Alemanha. Os iniciadores desta duvidosa exposição ignoraram as bem fundadas críticas ao longo dos anos e não economizaram em absurdas suposições em relação aos historiadores e testemunhas da época, os quais indicaram erros e manipulações grosseiras. Somente quando historiadores estrangeiros (principalmente **Bogdan Musial** da Polônia e **Krisztian Ungvary** da Hungria) expressaram suas dúvidas quanto à seriedade da exposição, foi formada uma comissão independente de historiadores para comprovar a autenticidade das fotos apresentadas. No outono de 1999, a comissão chegou ao resultado de que dentre das 800 fotos da Exposição do Exército, 90% eram falsificadas, indicadas erroneamente, ou com origem bastante duvidosa[35].

5.1 Fotos falsificadas como pretensas provas para o Holocausto

Udo Walendy pesquisou inúmeras fotos em seu trabalho *Bild-„Dokumente“ zur NS-Judenverfolgung?*, as quais foram apresentadas como provas para o Holocausto. Ele comprova, que na literatura do Holocausto raramente existe uma foto que não tenha sido falsificada. Seja colocada aqui a seguinte comparação para exemplificar as inúmeras manipulações:

Foto falsificada por Eschwege, *Distintivo J.*	Foto original da direção da Ferrovia Federal Hamburg: "*Trem de carga com refugiados, 1946. Comboio repleto para a região do Ruhr...*"

Eschwege utiliza em seu livro *Distintivo J. (Kennzeichen J)* uma foto de 1946, para documentar o transporte nos guetos e nos campos de extermínio. O original se encontra no arquivo da direção da Ferrovia Federal, Hamburg, e mostrando a legenda *"Trem de carga com refugiados, 1946. Comboio repleto para a região do Ruhr. Ao fundo trem de dois andares para Lübeck"*.

34 declaração de David Irving como testemunha pericial no processo contra Zündel, abril 1988, Toronto

35 veja a cobertura completa na imprensa no outono 1999, p. ex. jornal FAZ de 22 de outubro 1999, página 2

5.2 Imagens do terror

Quando as tropas aliadas tomaram no início de 1945 os campos de concentração NS, apresentou-se a eles um quadro do terror. Quase não há pessoas que não tenham visto as repugnantes fotos de esqueléticos detentos dos campos de concentração e as montanhas de cadáveres. Fotos de mortos são tão veneradas, que quase ninguém ousa questionar a origem, autenticidade e sua descrição. Justamente estas fotos são utilizadas freqüentemente para propagar uma almejada verdade histórica e, ao mesmo tempo, sufocar na origem legítimas dúvidas em relação ao dogma oficial com uma sobredose de emoção e perplexidade.

Propaganda do terror em 1979: Mortos de Tifo em Bergen-Belsen, falsificados como vítimas do gaseamento de Auschwitz. ("Quick")

Esta foto mostra vítimas de tifo em Bergen-Belsen. Em diversas revistas, como *Quick* em 1979, ela foi impressa com a total falsa manchete "*Auschwitz como foi realmente"* em grande formato, sobre página dupla (!). Estas fotos provam nada mais do que o fato, o qual não é contestado por ninguém, de que ao final da guerra nos campos a oeste, um número terrível de pessoas morreram vítimas de epidemias e subnutrição.

No outono de 1944, deteriora-se de forma dramática as linhas de abastecimento no Reich alemão. A destruição sistemática das cidades alemãs através dos ataques aéreos dos aliados resultaram o fato que nem a população civil nem os detentos nos campos receberam suficiente alimentação. Além disso, como a frente leste recuava cada vez mais perto, os detentos dos campos de concentração a leste foram transferidos para o oeste.

Como os campos na região do Reich estavam desesperançosamente saturados e desabastecidos, alastraram-se epidemias, as quais não podiam mais ser colocadas sob controle. Como continuação deste desenvolvimento catastrófico, morreram por exemplo no campo de Dachau nos últimos quatro meses antes do fim da guerra, mais do que nos últimos cinco anos de guerra[36]. Se - como mostra a foto acima -, as fotos dos campos a leste são utilizados para ilustrar o terror de Auschwitz, surge a seguinte pergunta: Onde estão as fotos que foram tiradas pelos soviéticos logo após a libertação do campo de Auschwitz ?

O exército soviético alcançou Auschwitz em 27 de janeiro de 1945. Naquele dia, tem-se dos cerca de 7.500 detentos que foram deixados pelo pessoal do campo, inúmeras fotos, as quais todavia não são tão divulgadas pela mídia, pois as pessoas, aparentemente em boas condições de saúde, não se encaixam de forma adequada na imagem amplamente divulgada nos dias de hoje do "campo de extermínio" Auschwitz.

Se pergunta, por quê os soviéticos não fizeram qualquer foto daquelas câmaras de gás, que há décadas atraem milhões de turistas ao local, onde milhões de judeus foram supostamente gaseados.

Auschwitz como foi realmente: Detentos do campo de Auschwitz-Birkenau no dia da libertação, 27 de janeiro de 1945

Ao invés disso, o *Prawda* noticiou seis dias após a libertação do campo de Auschwitz, assassinatos em massa em linhas de montagem elétricas e queima de cadáveres em alto-fornos (ver nota de rodapé 3), dispensando entretanto nenhuma palavra sobre Zyklon B, a pressuposta mais importante arma do crime do Holocausto.

36 Johann Neuhäusler, *Wie war das im KZ Dachau?,* Kuratorium für das Sühnemal KZ Dachau, München 1981

5.3 Fotos aéreas dos aliados

O reconhecimento aéreo estava bem avançado ao final da guerra e surgiram desta época documentos fotográficos, o quais possuem valor inestimável não somente para historiadores. Por exemplo, estas fotos são usadas ainda hoje para a localização e desarme de bombas.

De acordo com a historiografia oficial, 400.000 judeus húngaros foram gaseados e a seguir queimados em valas abertas em Auschwitz, entre maio e julho de 1944 [37]. Um fato desta natureza deveria ter sido reconhecido pelas foto aéreas aliadas provenientes daquela época.

Foto aérea americana do campo de Auschwitz

Em 31 de maio de 1944, o exército americano realizou uma série de nítidas fotos[38] do campo de concentração de Auschwitz, as quais podem ser vistas em: www.vho.org/D/gzz/BallA-B-Luft.jpg. Analisando precisamente estas fotos aéreas, tem-se o seguinte quadro: nenhum rastro de cova aberta, onde supostamente eram queimados diariamente 12.000 pessoas, nenhuma fila de pessoas em frente aos prédios, onde deveriam se encontrar as câmaras de gás. Além disso pode-se reconhecer nas fotos, que nos arredores até a cerca do campo de concentração, toda área estava explorada produtivamente. Como as cercas não ofereciam qualquer tipo de proteção visual, os acontecimentos no campo de forma alguma poderiam ser secretos, como costuma-se afirmar. O canadense **John C. Ball** se ocupou anos a fio com a avaliação das fotos aéreas aliadas. Em seu livro *Luftbild-Beweise*[39], ele apresenta a seguinte conclusão:

"Não existe hoje qualquer tipo de foto proveniente do reconhecimento aéreo, que comprove o assassinato em massa dos judeus em qualquer lugar das áreas ocupadas pelos alemães na Europa. A análise das fotos aéreas contradiz além disso a tese, de que os nazis tinham a intenção de manter em sigilo os acontecimentos nos supostos campos de extermínio. As fotos aéreas prestam um testemunho incorruptível de que alguns dos testemunhados acontecimentos não existiram, como por exemplo o extermínio dos judeus húngaros ou o fuzilamento em massa em Babi Jar. Resta esperar que a liberação das fotos aéreas soviéticas dos alegados campos de extermínio daquela época, possam trazer mais esclarecimentos. O fato das fotos não terem sido publicadas até agora, fala-se já por si mesmo. Que as fotos encontradas hoje, em mãos ocidentais, sobre a culpa alemã foram falsificadas e inicialmente publicadas pela CIA, da mesma forma fala-se por si mesmo."

5.4 Filmes

Logo após a guerra, centenas de milhares de prisioneiros de guerra alemães, assim como a população civil alemã, foram obrigados a assistir o "filme documentário" *Todesmühlen*[40]. Este filme deveria mostrar o horror dos campos de concentração, porém, já naquele tempo, afloraram dúvidas sobre a autenticidade do apresentado material do filme. Segundo relatórios da época, as dúvidas foram causadas devido ao fato de que em algumas seqüências do filme, com prováveis imagens autênticas, apareciam uma montanha de cadáveres provenientes de cidades alemãs bombardeadas e de subnutridos prisioneiros de guerra alemães, porém, todos divulgados como sendo de prisioneiros dos campos de concentração[41]. Não raramente, uma contestação por parte dos telespectadores era reprimida com violência.

Os promotores americanos não se intimidaram em apresentar no Processo de Nuremberg, um filme totalmente falsificado como prova material[42]. Este filme, o qual deveria mostrar a descoberta de dentes de ouro de judeus assassinados, foi montado do começo ao fim[43]. Na realidade, a totalidade da reserva de ouro do

37 Jürgen Graf, *Was geschah mit den nach Auschwitz deportierten, jedoch dort nicht registrierten Juden?*, Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung, Hastings, Nr. 2/2000, páginas 140-149

38 Fotos do exército americano Ref. No. RG 373 Can D 1508, exp. 3055

39 John C. Ball, *Luftbild-Beweise*, publicado em: Ernst Gauss, *Grundlagen zur Zeitgeschichte*

40 B.S. Chamberlin, *Todesmühlen. Ein Versuch zur Massen-Umerziehung im besetzten Deutschland 1945-1946*, Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte, 29 (1981) páginas 420-436

41 *Die Unabhängigen Nachrichten*, Nr. 11 (1986), página 11

42 IMT, Volume XIII, página 186 e.d.

43 Compare H. Springer, *Das Schwert auf der Waage*, Vowinckel, Heidelberg 1953, pág. 178e.d.; P. Kleist, *Aufbruch und Sturz der Dritten Reiches*, Schütz, Göttingen 1968, pág. 346; U. Walendy, *HT* Nr. 43, 1990, pág. 12e.d.

Reichsbank (mais de 200 toneladas em barras e moedas de ouro) foi armazenada ao final da guerra em Kalibergwerk Merkers (Mina de potássio em Thüringen) e, em abril de 1945, considerada ouro roubado pela SS e confiscada pelos americanos como despojo de guerra. Isto incluiu também as reservas monetárias alemãs e obras de arte. O filme criado por ocasião deste saque não foi mostrado pelo IMT, mas pode ser admirado hoje na "Mina de aventura Merkers".

O termo "Holocausto" (derivado do grego *holos* "todo, completo" e *kausis* "queima" não foi usado nem pelo regime NS nem pelas potências vencedoras após a guerra. Nos extensos protocolos com 16.000 páginas do processo de Nuremberg não se encontra uma única vez esta expressão. Também na décima-oitava edição, completamente revista, dos 20 volumes da Enciclopédia *Großen Brockhaus* (publicada em 1977-1982, ou seja boas três décadas após o suposto acontecimento) não se encontra uma única vez a explicação etimológica da criação desta palavra.

Porém, após a exibição dos quatro episódios na TV do seriado americano *Holocaust* de **Marvin Chomski** em janeiro de 1979, esta palavra estava em toda parte, e uma nova descrição para o atribuído assassinato dos judeus na Europa, de forma planejada e industrializada, foi encontrada. Embora o filme tivesse pouco a ver com a verdade histórica, foi apesar disso (ou exatamente por isso) um total sucesso propagandístico: no sentido fiel da palavra, no dia seguinte toda a Alemanha falava respeitosamente e perplexa sobre o novo vocábulo ensinado[44]. Assim, o mais influente "grupo étnico" dos EUA alcançaram definitivamente a condição moral de vítima digna de compaixão. Desde então o termo Holocausto é utilizado pelos lobbys judaicos de forma desenfreada e efetiva como um ideológico termo de combate.

Também no aspecto financeiro, o seriado *Holocaust* foi um sucesso extraordinário: Sob a impressão desta sentimental novela-documentária, a ajuda financeira dos EUA para Israel mais que dobrou dentro de um ano: em 1979, Israel recebeu quase dois bilhões de US-Dollar; no ano seguinte (1980), subiu a "assistência a países subdesenvolvidos" dos EUA para Israel em cerca de cinco bilhões de US-Dollar. Anualmente, os EUA prestam mais assistência humanitária a Israel, do que para todos os países africanos. De acordo com um estudo publicado em 2003[45] do professor de economia e expert em Oriente Médio, Thomas Stauffer, o apoio econômico, político e militar a Israel já custou aos contribuintes dos EUA, desde 1945, a quantia de três trilhões de US-Dollar.

Desde 1979, o público é premiado em cada vez mais curtos intervalos com filmes à la Holocausto. Típico para este novo gênero de filmes é uma estranha poção de meias-verdades, emoção, patetismo e culto à perplexidade. Estes ingredientes se demonstraram como meios eficazes para sufocar na raiz as perguntas sobre a objetiva Verdade histórica.

O filme *A lista de Schindler*, de **Steven Spielberg**, também segue exatamente este padrão. O filme foi elogiado pelo seu aspecto reconciliatório, pois o mocinho do filme é alemão e se comporta humanamente em relação aos detentos judeus. Todavia, numa análise mais minuciosa, percebe-se que todos os outros alemães são apresentados ou como monstros sem sentimentos ou como instrumentos complacentes de uma maquinaria da morte.

A maioria dos espectadores de *A lista de Schindler* provavelmente não sabe que o anti-herói do filme, o comandante do campo **Amon Göth**, devido ao seu comportamento brutal junto aos detentos foi preso em 1944 pela SS[46]. Ele escapou de uma provável pena de morte somente pelo fato de não ter sido possível conduzir contra ele um processo nos últimos meses de guerra. Ao contrário, o comandante de Lublin, **Hermann Florstedt**, e o comandante de Buchenwald, **Karl Koch**, foram condenados a morte e executados pela SS devido a delitos semelhantes. Até 1945, a cúpula da SS abriu mais de 800 inquéritos criminais contra os carcereiros dos campos de concentração. Estes processos criminais promovidos pelo lado alemão comprovam que de fato houve abusos e até assassinatos nos campos de concentração. Mas por um outro lado, os numerosos processos criminais são uma clara prova de que a cúpula da SS não tolerava tais transgressões. Estes fatos não querem entretanto se esquadrar no simplório clichê de Hollywood, do bom contra o mau, por isso mesmo, eles são na maioria das vezes abafados ou somente mencionados após o filme.

---

44 Peter Märtesheimer, Ivo Frenzel (Hg.): *Im Kreuzfeuer: Der Fernsehfilm 'Holocaust'*. Fischer Frankfurt, 1979

45 Thomas R. Stauffer, *The Costs to American Taxpayers of the Israeli-Palestinian Conflict: $3 Trillion*, Washington Report on Middle East Affairs, Junho 2003

46 Reuben Ainsztein, *Jewish Resistance in Nazi Occupied Eastern Europe*, Barnes and Noble, 1974, pág. 845

6. Testemunhos

"O tribunal não estará sujeito às regras técnicas de evidência"
(Artigo 19 do Estatuto do IMT)

Embora na mídia de massas, nos filmes documentários e nos livros escolares seja sugerido que a apresentação do Holocausto é livre de qualquer dúvida, não existe nenhuma prova para as alegações de que milhões de pessoas foram assassinadas em câmaras de gás com Zyklon B, construídas para esse fim, e que pudessem prevalecer em um processo no Estado de Direito. Estudando livros conhecidos sobre este tema, como p. ex. **Raul Hilbergs** *Die Vernichtung der europäischen Juden*[47], **Eugen Kogons** *Der SS Staat*[48] oder **Jean-Claude Pressacs** *Die Krematorien von Auschwitz*[49], pode-se observar que nestas obras referenciais não há qualquer citação de documento original com força comprobatória.

Um tribunal em Londres confirmou isto recentemente numa decisão do processo contra Irving. O historiador inglês **David Irving** perdeu sua ação contra danos morais por difamação contra a autora americana **Deborah Lipstadt** e é descrito desde então pelo alarde da imprensa internacional como um "ativo negador do Holocausto". Ainda assim, o resultado deste processo mundialmente observado foi uma vitória aparente para o lobby do Holocausto, pois surpreendentemente o juiz **Charles Gray** afirma o seguinte no parágrafo 13.73 do acordão de 11 de abril de 2000:

"Irving indica, com razão, que os documentos originais desta época como por exemplo, desenhos, plantas, correspondências com construtoras etc não fornecem uma clara prova de que foram usadas câmaras de gás para matar seres humanos. Registros isolados da utilização de gás, como serão encontrados em alguns destes documentos, poderão ser explicados como uma necessidade existente naquela época para o despiolhamento, evitando o perigo de uma epidemia como, p. ex., o tifo. As quantidades de Zyklon B fornecidas para o campo [Auschwitz] *podem ser explicadas pela necessidade existente de despiolhar peças de vestuário e outros objetos."*

Também o reconhecido historiador **J. Baynac** admitiu francamente em 1996, que quase não existe documentos originais. A apresentação oficial do Holocausto se baseia conseqüentemente nas declarações de algumas poucas testemunhas[50].

Estas testemunhas foram de forma alguma neutras e desinteressadas, mas sim quase que exclusivamente antigos prisioneiros dos campos, cuja objetividade em relação aos acusados não era de se esperar. Este tipo de testemunho (testemunho parcial) é classificado pelos juristas, com razão, como a prova menos confiável e deve por isso mesmo ser analisada *a priori* com particular cepticismo.

Isto vale especialmente para os testemunhos diante do IMT, pois aqui todas as declarações incriminatórias foram feitas por escrito ("*written affidavits*") e não, como de costume nos tribunais, num interrogatório pessoal. As poucas testemunhas que se apresentaram pessoalmente, não puderam responder a perguntas que pudessem favorecer os réus. Desta forma, puderam ser colocados ao mundo, sem confirmação e sem contestação, as mais absurdas afirmações.

6.1 Nuremberg – a última batalha

David Irving mostrou didaticamente em seu livro *Nuremberg - a última batalha*[51], quais foram os meios usados pelas potências vencedoras para dar notoriedade à sua propaganda do terror. Um rápida espiada no estatuto do IMT já basta para reconhecer que em Nuremberg, praticamente todos os princípios da jurisprudência foram não somente menosprezados, mas sim diretamente escarnecidos.

---

47 Raul Hilberg, *Die Vernichtung der europäischen Juden,* Fischer Taschenbuch Verlag, Frankfurt 1997; para crítica ver também: Jürgen Graf, *Riese auf tönernen Füßen, Raul Hilberg und sein Standardwerk über den Holocaust,* Castle Hill Publishers, Hastings 1999

48 Eugen Kogon, *Der SS-Staat,* Kindler, Hamburg 1974

49 Jean-Claude Pressac, *Die Krematorien von Auschwitz,* Pieper, München 1994; para crítica ver também Herbert Vrebke, *Auschwitz: Nackte Fakten*, VHO, Berchem 1995

50 Jean Baynac, *Faute de documents probants sur les chambres à gaz, les historiens esquivent le débat,* [Na falta de provas documentais sobre as câmaras de gás, os historiadores se esquivam do debate] Le Nouveau Quotidien, Lausanne, 3 de setembro de 1996

51 David Irving, *Nürnberg. Die letzte Schlacht*, Grabert Tübingen 1996

Artigo 18 determina que o tribunal deve se limitar a uma rápida audiência dos pontos da acusação. Este artigo possibilitou à procuradoria selecionar, das toneladas de documentos apreendidos, somente aqueles supostamente incriminatórios. Documentos e testemunhos que pudessem ajudar na defesa foram sistematicamente abafados.

Artigo 19 diz textualmente: *"O tribunal não estará sujeito às regras técnicas de evidência. Adotará e aplicará na medida do possível, um modo processual rápido e não técnico, e admitirá qualquer evidência que considere ter valor como provas..."* Esta determinação significa na prática que a procuradoria poderia admitir, sem comprovações, quase que todas as afirmações incriminatórias. À defesa, ao contrário, era dificultada por sua vez a apresentação de materiais que ajudassem aos réus, solicitar laudos periciais ou interrogar as poucas testemunhas que apareceram. Uma revisão ou apelação não era possível.

Artigo 21 diz textualmente: *"O tribunal não exigirá provas para fatos de conhecimento público, mas tomará nota jurídica dos mesmos..."* Seguindo estas orientações, não foram apresentadas nem autópsias das vítimas nem exames forenses independentes das supostas armas do crime. Em outras palavras: "O maior assassinato em massas de todos os tempos" foi apresentado através da sentença do IMT como comprovado, sem uma única prova técnica sequer.

6.2 Exemplos de testemunhos citados freqüentemente

Em Dachau, a afirmação de que prisioneiros foram gaseados, teve como conseqüência a condenação à morte do comandante do campo **Martin Gottfried Weiß**, assim como 39 membros da equipe de vigia, pelas tropas americanas de ocupação. Em seu testemunho escrito[52], o antigo prisioneiro do campo **Franz Blaha** afirmou que em Dachau, foram mortas "*muitas pessoas com gás*", não fazendo concretamente, porém, qualquer menção sobre o número de vítimas e ainda por cima, qual gás foi utilizado.

O testemunho de Blaha foi apresentado no processo de Nuremberg e considerado como prova importante contra **Wilhelm Frick,** o qual igualmente foi condenado à morte. Somente porém a partir de 1960, ficou comprovado que as câmaras de gás de Dachau nunca estiveram em funcionamento. Com isso, o testemunho de Blaha, que levou mais de 40 homens à morte, deve ser considerado o que ele sempre foi, ou seja, a mentira de uma testemunha parcial e vingativa.

O ex-prisioneiro de Auschwitz **Sigismund Bendel** foi uma importante testemunha de acusação no processo contra **Bruno Tesch** e **Karl Weinbacher**. Ambos sentaram no banco dos réus, porque sua firma (TESTA GmbH) forneceu o inseticida Zyklon B para diferentes campos de concentração.

Bendel afirmou que em Auschwitz foram assassinados quatro milhões de pessoas com Zyklon B. Juntou-se de cada vez 1.000 pessoas num cômodo com 10m de comprimento, 4m de largura e 1,6m de altura, e em seguida foram gaseadas. Quando o defensor Zippel perguntou, como seria possível colocar 1.000 pessoas em um cômodo de 64m³, respondeu

Bendel: *"Só podia ser conseguido com os métodos alemães."*

Zippel: *"Você quer afirmar seriamente que pode-se alojar dez pessoas em meio metro cúbico ?"*

Bendel: *"As quatro milhões de pessoas gaseadas em Auschwitz testemunham isso".* [53]

Um seguinte interrogatório desta testemunha, a qual claramente se contradiz, foi abafada pelo tribunal. Este testemunho descarado e inacreditável não impediu de forma alguma o tribunal de condenar à morte Tesch e Weinbacher.

Rudolf Vrba (aliás, Walter Rosenberg) é uma das mais importantes e das mais citadas testemunhas de Auschwitz. Ele descreve em seu suposto autêntico relato de vida[54] *"com minucioso, quase que fanático respeito pela exatidão"* (assim Alan Bestic na introdução do livro) os gaseamentos no campo de concentração em Auschwitz.

Porém, quando Vrba em 1985 em Toronto, na ocasião do processo contra **Ernst Zündel**, foi confrontado pela primeira vez com perguntas concretas sobre os dados do local, ele reconheceu após alguns subterfúgios

---

52 IMT Documento 3249 PS

53 IMT Documento NI-11953

54 Rudolf Vrba, *Ich kann nicht vergeben (Eu não posso perdoar),* Rütten & Loening, Munique 1964

e mentiras forçadas, que pessoalmente não tinha visto um único gaseamento sequer. Então Vrba afirmou indiferentemente que ao escrever seu livro, o qual até então considerado a prova central para a versão oficial do Holocausto, *utilizou-se da "liberdade de expressão literária"*. Em outras palavras: a descrição dos gaseamentos de Auschwitz por parte de Vrba foi inventada[55].

Paul Rassinier

Paul Rassinier, socialista francês e membro da *Résistance*, prisioneiro durante anos no campo de Buchenwald-Dora, se ocupou de maneira aprofundada logo após a guerra com a veracidade dos testemunhos sobre o Holocausto. Em seu livro *Das Drama der Juden Europas* [56], ele chega à seguinte conclusão:

"Há quinze anos, toda vez quando me diziam que existia uma testemunha em algum lugar não ocupado pelos soviéticos, a qual afirmava que tinha presenciado os gaseamentos, eu me dirigia de imediato até ela para tomar seu testemunho. E toda vez era a mesma coisa: com meus arquivos à mão, eu formulava várias perguntas de forma precisa, que ela claramente só podia mentir até chegar à altura dos olhos e, finalmente, declarar que um falecido bom amigo, de cuja palavra ela não podia duvidar, havia lhe relatado toda a coisa. Eu cruzei desta forma milhares de quilômetros através da Europa."

Esta opinião de Rassinier é compartilhada também pelo diretor do arquivo do memorial israelense do Holocausto Yad Vashem, **Shmuel Krakowski.** Ele descreve em 1986, no artigo publicado no *Jerusalem Post*, os mais de 20.000 conhecidos testemunhos do Holocausto como *"inverossímil, falsificado, improvável ou de alguma outra forma não verdadeiro."* [57]

7. Testemunhas da época na mídia

"Eu não sei o que mais devo temer: ruas repletas de soldados que estão habituados aos saques, ou sótãos repletos de autores medíocres, habituados à mentira."
(Samuel Johnson)

Quem não conhece os contos sobre seleções, câmaras de gás, fornos a gás e crematórios. Em respeitosa devoção, milhões de pessoas escutam as estórias mais fantásticas e quase nenhuma delas ousa formular perguntas sobre a plausibilidade das puras inacreditáveis estórias. A seguir apresentam-se aqui uns poucos exemplos de contos de terror, com os quais o consumidor médio dos produtos da mídia é irrigado diariamente:

7.1 Elie Wiesel

Elie Wiesel, o qual afirma ter sobrevivido milagrosamente a vários "campos de extermínio", é considerado hoje pura e simplesmente como **a** testemunha do Holocausto. Em seu primeiro livro *A noite*[58], publicado em francês, não é encontrada uma única citação sobre as câmaras de gás, mas sim, Wiesel descreve como as pessoas nos campos de Auschwitz e Buchenwald foram jogadas ainda vivas em *"covas de incineração com flamas gigantescas"*, onde as vítimas *"agonizavam horas a fio com a morte."*

Ao final da guerra, Elie Wiesel descreve como ele e seu pai sobreviveram os últimos dias no campo de Auschwitz: como era somente uma questão de tempo até o exército soviético alcançar o campo, a SS decidiu abandoná-lo. Os detentos tiveram a escolha de permanecer no campo e esperar pelo exército soviético ou se retirar para o oeste com o pessoal do campo.

Depois de curta consulta a seu pai, Elie Wiesel decidiu - assim como milhares de outros detentos - ir para a Alemanha com os carcereiros, ao invés de esperar pelos libertadores soviéticos. Seria interessante conhecer a razão desta espantosa decisão. Para bem se esquivar de tais incômodas perguntas específicas,

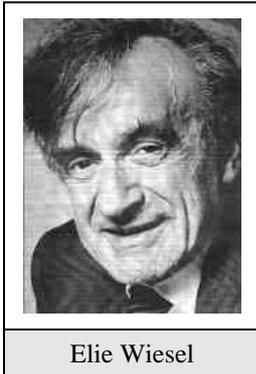
---

55 Dick Chapman, *Survivor never saw actual gassing deaths*, Toronto Sun, 24 de janeiro de 1985; ver também: Robert Faurisson, *Die Zeugen der Gaskammern von Auschwitz*, em Ernst Gauss, Grundlagen zur Zeitgeschichte

56 Paul Rassinier, *Das Drama der Juden Europas*, Hans Pfeifer Verlag Hannover 1965

57 Jerusalem Post, 17 de agosto de 1986

58 Elie Wiesel, *La Nuit*, Editions de Minuit, Paris, 1958

o sobrevivente profissional do Holocausto declarou sem rodeios a respeito de toda esta temática que se tratava de *"um mistério religioso desconhecido e inexplicável"*.

Elie Wiesel

Por um cachê de 25.000 Dólar por palestra, Elie Wiesel empreendeu desde então a tentativa de explicar o mistério criado por ele. Objetividade e realismo não são de esperar de alguém que, entre outras, apresenta o seguinte verdadeiro incitamento popular:

"Todo judeu deveria guardar um lugar para o ódio em seu coração. Para um ódio saudável e forte contra tudo, que incorpora o germanismo, e que continua a viver no alemão" [59]**.**

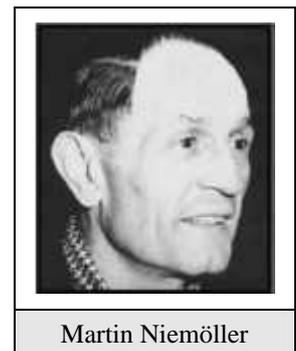
Este linguajar impregnado de ódio não foi obstáculo algum para que 80 deputados alemães do Bundestag, indicarem justamente Elie Wiesel para o prêmio Nobel da paz, *"pois é um grande encorajamento para aqueles que agem ativamente para uma reconciliação."* Como é conhecido, Elie Wiesel recebeu de fato em 1986 o prêmio Nobel da paz, porém, não se tem conhecimento de tons reconciliatórios por parte dele.

7.2 Martin Niemöller

Pastor Martin Niemöller foi um símbolo dos movimentos pela paz do pós-guerra e portou a auréola de membro da resistência e veterano detento dos campos de concentração. Principalmente em grupos de esquerda, perplexos e autodenominados boas pessoas, sua frase *"Quando eles vieram buscar os comunistas, eu não protestei; eu não era comunista ..."* ainda é sempre citada com bom grado.

Martin Niemöller

Porém, se os seguidores do atual Niemöller lessem seu livro *Vom U-Boot zur Kanzel* (publicado em 1935), eles ficariam surpresos com sua declarada fé ao Nacional-socialismo, talvez até decepcionados. Também seus elogios a Adolf Hitler não apresentam qualquer vestígio de um espírito de resistência. Em uma circular a seus membros, ele comunicou como presidente da época da liga dos pastores, o seguinte: *"Os membros da liga dos pastores apóiam incondicional-mente o Führer Adolf Hitler".*

Ao contrário da bastante propagada opinião, Niemöller não foi enviado para um campo de concentração por ser contra à política nazista, mas sim devido a uma disputa entre partido religioso "Deutsche Christen" e movimento defendido com bastante influência de Niemöller "Bekennende Kirch".

Como Hitler não admitia esta disputa de confissões, Niemöller foi preso e permaneceu o período de 1938 até 1945 em diferentes campos de concentração, por último em Dachau. Como "detento pessoal" do Führer, Niemöller gozou de imensos privilégios e sobreviveu o período da guerra - ao contrário dos numerosos verdadeiros membros da oposição - bem nutrido e ileso.

Niemöller afirmou após a guerra em seu livro *Der Weg ins Freie* que em Dachau foram mortos 238.756 judeus nas câmaras de gás, e queimados logo em seguida[60]. Entretanto, é consenso sem dúvida alguma, que não mais de 200.000 pessoas foram enviadas para o campo de Dachau durante todo seu funcionamento, dos quais uma pequena parcela eram judeus. Está comprovado que nenhuma câmara de gás entrou em funcionamento no campo de Dachau.

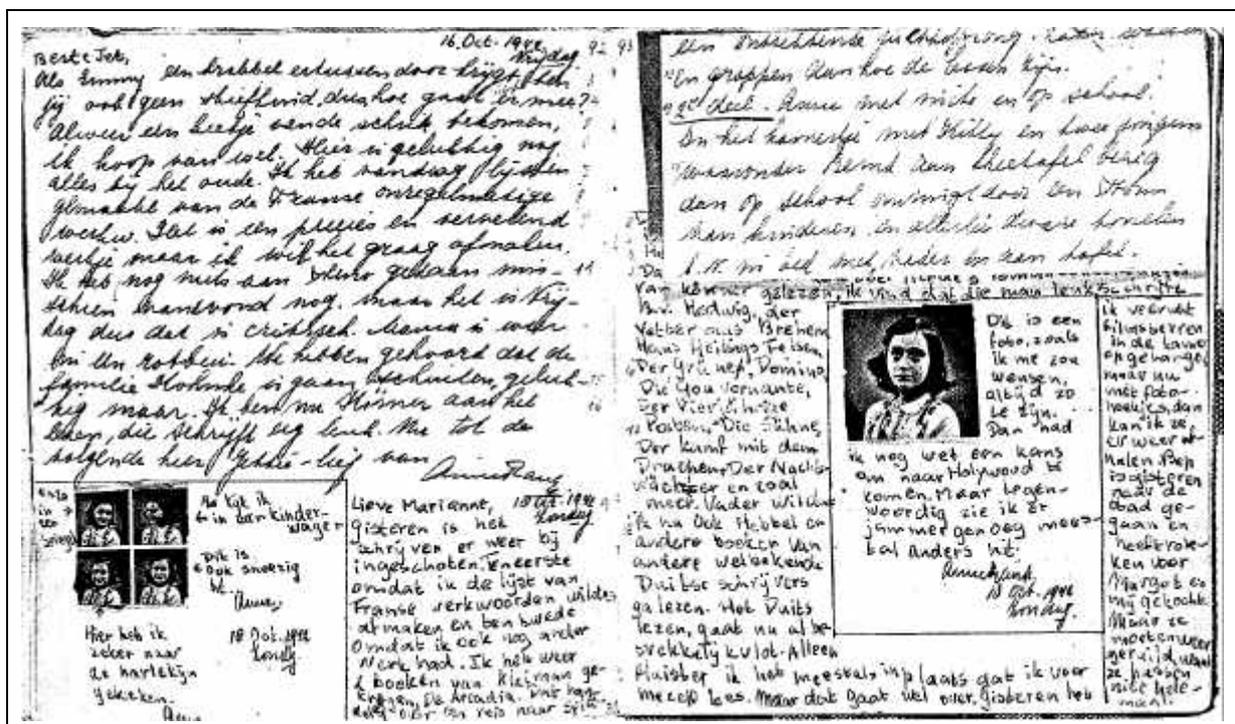
O que motivou o Pastor Niemöller em plena consciência a alastrar tal mentira em torno de Dachau e, além disso, aproveitar qualquer oportunidade para pregar a lenda da culpa coletiva dos alemães, permanecerá eternamente seu segredo. Quaisquer que tenham sido seus motivos: Pastor Niemöller é com isso co-responsável, pelo fato das pessoas na Alemanha acreditarem até hoje no mito do Holocausto com religiosa devoção.

---

59 Elie Wiesel, *Legends of our Time*, Avon Books, New York 1968
60 Martin Niemöller, *Der Weg ins Freie (O caminho para* , Hellbach Verlag Stuttgart 1956

7.3 Anne Frank

O diário de Anne Frank é um dos mais vendidos livros do mundo – até então já foram vendidos mais de 30 milhões de exemplares em mais de 60 línguas. Este livro serve como nenhum outro à doutrinação do Holocausto para as crianças e é, há décadas, leitura obrigatória para os alunos do mundo ocidental. A editora Fischer Taschenbuch denomina este diário como o "*Símbolo e documento para o genocídio dos judeus"* A Anne-Frank-Haus, em Amsterdam, refere-se a uma "*Janela para o Holocausto*".

A autoria deste livro é obscura, apesar do enorme significado que lhe é atribuído. Juntamente às muitas absurdas descrições, sobressai-se um estilo literário atípico para uma jovem menina. Ainda mais estranho é a circunstância, que as anotações no diário foram feitas com duas claramente diferentes caligrafias. Uma das escritas é desajeitada e típica para uma jovem menina. A segunda escrita é fluente, hábil e característica para um adulto. Mesmo para um observador totalmente inexperiente e leigo em grafologia, ambas as caligrafias devem saltar aos olhos. A segunda caligrafia atípica de uma jovem menina leva os independentes investigadores sempre a questionar novamente a autenticidade deste diário.

Diário de Anne Frank (páginas 92 e 93): duas diferentes caligrafias que segundo a BKA, uma delas foi em parte escrita com caneta esferográfica– disponível ao mercado somente após a guerra

A polícia federal alemã (BKA) examinou o original no caso de uma disputa judicial entre um crítico, **Ernst Römer,** e o pai de Anne Frank, **Otto Frank.** A investigação da BKA resultou que algumas anotações foram *"escritas através de pasta de caneta esferográfica preta, verde e azul".* A revista *Der Spiegel* reportou[61] sobre este resultado e concluiu que a veracidade do diário deve ser colocada em dúvida, pois Anne Frank morreu de tifo no ano de 1945 em Bergen-Belsen e as primeiras canetas esferográficas estavam disponíveis ao mercado somente após a guerra.

Algum leitor vai colocar de imediato a pergunta, porquê então tantas editoras mundo afora aceitam sem crítica este manuscrito e como que estas claramente diferentes caligrafias não saltaram aos olhos das pessoas. Ora, Otto Frank provavelmente sabia muito bem os defeitos deste suposto diário e impediu uma apreciação crítica do original até sua morte no ano de 1980.

61 Der Spiegel, Nr. 41/1980, *Pasta azul - Uma perícia da BKA atesta: No "Diário de Anne Frank" foi redigido posteriormente.*

A editora holandesa Contact recebeu como base para a primeira publicação somente um livro-manuscrito datilografado, o qual foi feito por Otto Frank[62]. O primeiro livro que apareceu na língua holandesa, e não o Original, foi a base para a tradução em outros idiomas. Uma versão original do diário nunca foi publicada.

Atualmente, devido aos seus interesses comerciais, as editoras não estão tão interessadas em indagar sobre a origem precisa deste Bestseller. Para não mencionar a Fundação Anne-Frank, a qual rejeita agressivamente qualquer dúvida quanto à autenticidade do diário de Anne Frank, porém, possui entretanto a proverbial Chuzpe (do idisch: cara de pau) de apresentar publicamente as duas diferentes caligrafias, como as aqui apresentadas páginas 92 e 93 do diário.

7.4 Binjamin Wilkomirski

O escândalo em torno do livro publicado em 1995 pela editora Suhrkamp *Bruchstücke. Aus einer Kindheit* (Fragmento. De uma infância) de **Binjamin Wilkomirski**, mostra exemplarmente, de que modo e qualidade são os testemunhos do Holocausto apresentados na mídia. Na sua suposta autobiográfica obra, Wilkomirski alega que ele sobreviveu ainda criança os "campos de extermínio" Auschwitz e Majdanek, e aos nove anos foi da Polônia para a Suíça, onde ele foi então acolhido por pais adotivos suíços.

Durante três anos, reconhecidos historiadores como o diretor do Centro para Investigação sobre Anti-semitismo em Berlin, **Wolfgang Benz**, descreveram as abstrusas descrições de Wilkomirski como autênticas e a imprensa festejou o livro como o último prego no sarcófago dos "Negadores de Auschwitz".

Porém, o jornalista suíço e autor de livros **Daniel Ganzfried** pesquisou o caso Wilkomirski com exatidão e chegou ao seguinte resultado: "Binjamin Wilkomirski" nasceu em 12 de fevereiro de 1941 em Biel como filho bastardo de Yvonne Berthe Grosjean, recebeu o nome Bruno, ingressou a um orfanato e foi adotado em 1945 pelo casal Doessekker. A infância em Riga, Majdanek e Auschwitz foi inventada[63]. Ganzfried aparece com a seguinte pergunta em seu resumo:

"Como é possível, que cada um dos Feuilleton considerados sérios festejaram este livro como se tratasse do manuscrito original do Velho Testamento".

Uma boa pergunta. O que leva todavia uma pessoa a imaginar estes extravagantes contos de terror, e então afirmar com toda a certeza e segurança, ele teria vivenciado tudo isso. **Germaine Tillion**, sendo membro da Résistance em Paris, presa e depois deportada para o campo de concentração para mulheres em Ravensbruck, comenta este fenômeno da seguinte forma:

"Estas pessoas [que inventam os contos de terror] *são na realidade mais numerosas do que se pode normalmente acreditar e, num lugar como o mundo dos campos de concentração - infelizmente criado para o surgimento de imaginações sado-masoquistas - oferece-lhes um extraordinário campo de atividade. Nós vivenciamos inúmeros perturbados mentais, metade pilantra, metade tolo, os quais se utilizaram de uma deportação imaginária; nós vivenciamos outros - reais deportados -, cujo espírito doente ainda se esforçava para superar as monstruosidades que eles próprios viram ou que foram a les contadas, e eles conseguiram. Existiram até mesmo editores que deixaram imprimir algumas destas quimeras e se utilizaram mais ou menos intensivamente da versão oficial. Porém este editores assim como ou autores daquelas composições não podem ser desculpados, pois a mais simples investigação já seria suficiente para desvendar esta fraude*[64]*".*

Desde o caso Wilkomirski, os psicólogos têm um novo termo técnico para a doentia saudade de ser vítima: A Síndrome de Wilkomirski.

---

62 Robert Faurisson, *Is The Diary of Anne Frank genuine?*, Journal of Historical Review, 1985 assim como Gerd Knabe, *Die Wahrheit über das Tagebuch der Anne Frank*, Winkelberg Verlag Knüllwald 1994

63 Die Weltwoche (Zürich) Nr. 35, pág. 46/47, 27 de agosto de 1999; Jürgen Graf, *Die Wilkomirski-Pleite*, Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung 3(1) 1999, pág. 88-90; Daniel Ganzfried, *...alias Wilkomirski. Die Holocaust-Travestie*, Jüdischer Verlag Berlin, 2002

64 Germaine Tillion, *Le Système concentrationnaire allemand*, Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre mondiale, Julho 1954

8. Depoimentos

"Nós enfiamos uma tocha na boca dele. As pancadas e os gritos foram intermináveis"
(Sargento Bernard Clarke sobre o interrogatório do comandante do campo Rudolf Höß)

Os altamente controversos testemunhos são de forma alguma apropriados para provar a versão oficial do Holocausto, mesmo que também aproximadamente. Referindo-se a essa falha, os reconhecidos historiadores apóiam-se com gosto aos depoimentos de comandantes dos campos e ao pessoal de vigia dos campos de concentração. Sob quais circunstâncias surgiram esses supostos depoimentos e qual força comprobatória eles teriam num processo jurídico num Estado de Direito, deve ser mostrada aqui através de alguns exemplos.

8.1 Rudolf Hoess

O testemunho do primeiro comandante de Auschwitz, **Rudolf Hoess**, é uma das mais citadas "provas" para o extermínio sistemático de forma industrial dos judeus da Europa. O historiador polonês **Aleksander Lasik** disse o seguinte quanto ao valor do testemunho de Hoess:

"Mais do que qualquer outro comandante de campo de concentração, Rudolf Hoess é severamente marcado no contexto histórico. O homem que fundou e comandou Auschwitz, apareceu em todos os livros que se ocuparam com o destino dos judeus europeus na segunda guerra mundial".

Como os britânicos conseguiram o depoimento de Rudolf Hoess, **Rupert Butler** descreveu explicitamente em sua autobiografia[65]: Hoess foi torturado durante três dias até que ele finalmente entregou um "depoimento completo". Isto consistiu em que ele colocou sua assinatura em um extenso documento datilografado, em 14 de março de 1946 às 2:30 da madrugada, em um não mencionado distante local. Ainda antes de seu interrogatório como testemunha no Tribunal Militar em Nuremberg, Hoess disse a **Moritz von Schirmeister**:

"Certamente eu assinei que eu assassinei 2,5 milhões de judeus. Mas eu teria da mesma forma assinado que foram 5 milhões de judeus. Existem pois métodos com os quais se pode conseguir qualquer tipo de depoimento - seja ele verdadeiro ou não." [66]

Como qualquer jurista confirmará, um depoimento alcançado através de tortura não tem qualquer força comprobatória. Porém, numa hesitante tentativa em salvar este importante "depoimento", os reconhecidos historiadores apontam para as memórias, que Hoess deve ter escrito no cativeiro polonês antes de sua execução. O diretor de longa data do Instituto para História Contemporânea, Martin Broszat, apresentou as memórias de Hoess até como livro[67]. Muito embora qualquer pesquisador consciente fosse analisar meticulosamente um documento continuamente redigido a lápis (!), Broszat achou aparentemente supérfluo qualquer análise quanto à sua procedência. Senão ele teria certamente observado que a caligrafia nas "Memórias" não estava conforme à bem documentada caligrafia de Hoess[68]. Não sendo suficiente: Para não deixar qualquer princípio de dúvida sobre a autenticidade das Memórias, Broszat deixou fora todas as passagens não fidedignas e contraditórias - e isso tanto no livro *Kommandant in Auschwitz* como também em outras publicações[69].

8.2 Kurt Gerstein

O oficial sanitário **Kurt Gerstein** caiu em julho de 1945 no cativeiro francês e deixou um estranho depoimento antes de seu suposto suicídio. Seu testemunho redigido na língua francesa salienta, entre outros assuntos, que no campo de Belzec, Treblinka e Sobibor tinham sido mortas 25 milhões (!) de pessoas em câmaras de gás, dentre outros com os gases do escape de um motor diesel. Aqui segue um extrato do depoimento de Gerstein:

---

65 Rupert Butler, *Legions of Death,* Arrow Books, 1983, pág. 235 em d.

66 Robert Faurisson, *Wie die Briten zu dem Geständnis von Rudolf Hoess, Kommandant von Auschwitz, gekommen sind,* Deutschland in Geschichte und Gegenwart 35(1) (1987), pág. 12-17

67 Martin Broszat, *Kommandant in Auschwitz,* dtv Munique 1963

68 G. Jagschitz, *Gutachten in der Strafsache Hosnik,* 1992, Fórum Estadual de Viena, AZ 20e Vr 14184, Hv 5720/90

69 Fritjof Meyer, *Die Zahl der Opfer von Auschwitz*, Osteuropa, 52.Jg., 5/2002, pág. 631-641

"Encher bem, ordenou o capitão Wirth. As pessoas nuas pisam mutuamente seus pés. 700 - 800 em 25 m² e 45 m³! As portas fecharam-se… Heckenholt é o "fogueiro" do Diesel, cuja evaporação está destinada a matar os infelizes. O líder do pelotão SS, Heckenholt, teve um pouco de trabalho para fazer funcionar o motor a Diesel. Mas ele não pegava... Depois de duas horas e quarenta minutos - o cronômetro registrou tudo - inicia o motor Diesel…"

O redator do Documento Gerstein se esforçou zelosamente bem a demonstrar o assassinato em massa nos campos de Belzec, Treblinka e Sobibor, porém, deixou de lado a esta altura qualquer noção da realidade. Como cabem 800 pessoas em um cômodo de 25 m^2 é uma charada. E como centenas de pessoas podem sobreviver duas horas e quarenta minutos em um cômodo lotado e hermeticamente fechado, faz parte dos diversos mistérios do Holocausto.

Mesmo assim a declaração de Gerstein foi considerada por décadas um documento-chave e foi considerada até como prova material em 1961 no processo contra Eichmann em Jerusalem[70]. As descrições desencontradas que são em geral atribuídas a Kurt Gerstein encontraram sua derrota em 1963 também na peça de teatro de Rolf Hochhuts *Der Stellvertreter*, a qual foi filmada em 2002 por **Constantin Costa-Gavras** sob o mesmo título. Em contrapartida, os historiadores reconhecidos preferem passar por cima deste docummento devido à notória e penosa contradição.

8.3 Perry Broad

Como recompensa por um veredicto suave ou até mesmo uma absolvição, alguns acusados de serem criminosos NS concordaram com tudo. Um exemplo clássico aqui é o homem da SS de origem britânica, **Perry Broad**, que era guarda em Auschwitz e caiu prisioneiro dos ingleses em 1945. Ele falava fluentemente alemão e foi colocado por ora pelos britânicos como tradutor. Em seguida, Broad redigiu um relatório que afirmava o assassinato em massa em Auschwitz, apoiando-se na propaganda de atrocidades comum àquela época[71]. A recompensa por este comportamento cooperativo foi a liberdade. Ao contrário dele, os inúmeros acusados que tentaram se defender através da verdade, foram condenados à morte. Outros faleceram misteriosamente quando detidos para prestar esclarecimentos.

8.4 Richard Baer

Qual foi o destino dos acusados que se recusavam, para almejar sua liberdade, a assinar um depoimento que não correspondia à verdade? O caso do último comandante de Auschwitz, Richard Baer, fornece aqui uma explicação: Richard Baer viveu após a guerra com uma nova identidade em Dassendorf, nos arredores de Hamburg, como trabalhador na silvicultura sob o nome de Karl Neumann. Ele foi preso somente em 1960 pelos britânicos. Baer muito provavelmente não foi torturado. Ele não tinha aparentemente qualquer motivo para se preocupar com a segurança de seus familiares. Ao contrário de seu antecessor Rudolf Hoess, Baer também não tinha qualquer motivo de força maior para comprar sua liberdade através de uma declaração que não correspondesse à verdade.

Para os realizadores do processo Auschwitz, encenado com sucesso na mídia, não seria indiferente a forma como o principal acusado iria se pronunciar. Recordando: este processo realizou-se logo após que Martin Broszat, do Instituto para História Contemporânea, declarou publicamente que a câmara de gás de Dachau nunca entrou em funcionamento. Os campos de extermínio do antigo Reich que pertenceram durante 15 anos ao dogma oficial, foram com uma "canetada" transferidos para o leste. Ao mesmo tempo, o até então pouco conhecido campo de concentração Auschwitz tornava-se o mais importante do Regime NS.

Se justamente agora Richard Baer, o último comandante de Auschwitz ainda vivo, contradissesse esta nova definição da "verdade histórica" de forma decisiva, a tese central do Holocausto, ou seja, o assassinato sistemático industrializado em câmaras de gás, especialmente construídas para esse fim, cairia como um castelo de cartas.

Porém não se chegou lá: Richard Baer que até então gozava do melhor estado de saúde, faleceu com a idade 51 anos em 17/06/1963 repentinamente na prisão. O instituto de medicina legal da universidade de Frankfurt examinou o cadáver e não excluiu do relatório da autópsia, a possibilidade de Baer ter morrido devido

---

70 Henri Roques, *Die „Geständnisse" des Kurt Gerstein*, Druffel Verlag, 1986

71 Pery Broad, *Auschwitz in den Augen der SS*, Kattowitz 1981

"um veneno inodoro e não corrosivo"[72]. Ainda antes de se determinar com certeza a causa da morte deste importante e especial acusado e testemunha da época, o promotor chefe **Fritz Bauer** (um emigrante judeu que retornou depois da guerra) ordenou a incineração do cadáver. Este misterioso procedimento não encontrou na mídia qualquer contestação e foi até propositadamente abafada. Hoje procura-se em vão nas principais literaturas sobre o Terceiro Reich o nome de Richard Baer - o depoimento de Rudolf Höß, ao contrário, é encontrado por toda a parte.

9. Onde está a arma do crime?

"Zyklon B foi utilizado em Auschwitz de 95 a 98% dos casos como fumigante"
(Jean-Claude Pressac)

Em qualquer caso clássico de assassinato, a investigação da arma do crime é parte indispensável das averiguações. No esclarecimento do Holocausto, "o maior assassinato de todos os tempos", parece que este procedimento foi esquecido - e tanto no IMT como também em posteriores processos. Esta falha é posta de lado hoje em dia pela justiça alemã com a afirmação rotineira, de que o Holocausto é um "fato notório" e que não necessita de qualquer outra prova. Como um dogma imposto pela lei, não pode ser substituto para uma elementar evidência técnica, inúmeros políticos e pesquisadores financeiramente independentes se ocuparam nas últimas décadas com estas questões.

9.1 O que é afinal Zyklon B?

Zyklon B[73] é considerado geralmente como a principal arma do crime do Holocausto. Se um consumidor da mídia medianamente informado é questionado sobre o que é exatamente Zyklon B, obtém-se geralmente como resposta: um gás venenoso que foi lançado através dos chuveiros nas câmaras de gás. Na câmara de gás de Dachau (que nunca foi usada) existem ainda imitações de chuveiros, que teriam servidos a essa função.

Lata com Zyklon B

Ao contrário desta visão largamente divulgada, o Zyklon B não é um gás, mas sim um granulado embebido em cianureto (seixo ou celulose). Uma substância granulada não pode fluir em um chuveiro, mesmo que seja assim apresentada nas inúmeras documentações, enciclopédias e filmes de Holywood. Para resolver esta contradição, não houve revide a este detalhe não menos essencial: Zyklon B agora não fluiu através do chuveiro, mas sim foi lançado ao interior das câmaras de gás através de aberturas no teto.

O problema novamente nesta alegação é que aberturas, que poderiam destinar-se a esse fim, não podem ser reconhecidas através das fotos aéreas dos aliados provenientes daquela época. Nas lajes totalmente intactas das "câmaras de gás" de Auschwitz - exceto os buracos talhados grosseiramente após 1945 - não encontra-se qualquer buraco.[74]

É indiscutível que o Zyklon B foi fornecido em grandes quantidades aos campos de concentração. Se este inseticida não foi usado para matar pessoas, ele foi então utilizado para quê? A resposta vem do fato que, durante a guerra, uma catastrófica epidemia de tifo assolou boa parte da Europa.

"Um piolho, sua morte"
Inscrição na parede do campo de Auschwitz

Tifo, também chamado febre de manchas ou Flecktypus, é uma doença quase letal, cujo bacilo (*Rickettsia Prowazekii*) é transmitido através do pilho. O fumigamento de cobertores, colchões, peças de vestuário e abrigos, assim como dos detentos e também do pessoal do campo, era uma medida de vital importância. Isto explica também porque a administração do campo divulgou inscrições como ***"Um piolho, sua morte"*** ou ***"Mantenha-se limpo"*** nas paredes das salas de banho e dos dormitórios.

72 Deutsche Hochschullehrer-Zeitung, Nr. 3, 1963, pág. 29

73 Zyklon B, foi até 1979 a marca da empresa DEGESCH (Deutsche Gesellschaft für Schädlingsbekämpfung mbH, Frankfurt am Main)

74 Ross Dunn u. Roger Boyes, *Jewish experts predict more battles to fight,* The Times, London, 12 de abril de 2000

Ácido prússico[75], o principal agente do Zyklon B, foi utilizado já em 1915 pelo departamento de emigração dos EUA em Ellis Island para despiolhamento e desinfecção. Produtos posteriores que são absolutamente idênticos ao Zyklon B (p. ex. Fumex, Detia Degesch), são ainda fabricados hoje em dia e utilizados mundialmente como agente para o combate de pragas.

Reconhecidos especialistas em Holocausto, p. ex. **Jean-Claude Pressac**, consideram que 95 a 98% do Zyklon B fornecido aos campos não destinavam-se ao extermínio de pessoas, mas sim como agente de despiolhamento, principalmente para combater a epidemia de tifo, ou seja, para preservar a vida dos detentos. Foram então assassinadas com o restante 2 a 5%, justamente aquelas pessoas, cujas vidas foram salvas com o mesmo produto?

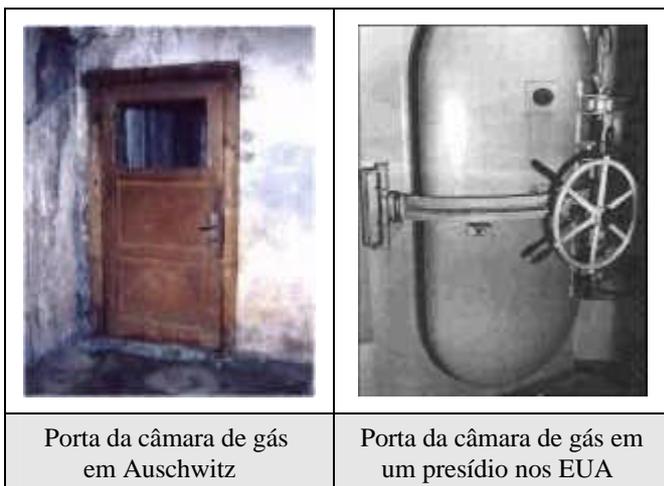
A descrição oficial da História não está em condições de explicar definitivamente a utilização da arma do crime Zyklon B. Ao invés disso, são apresentados ao público em geral recibos, pedidos e latas vazias de um comum inseticida que é utilizado até hoje, como "prova" para o assassinato de milhões de judeus. Da seguinte pergunta também se desviam os historiadores reconhecidos: caso tivesse existido realmente um plano para o extermínio sistemático dos judeus de forma industrial através de gás, por quê foi usado justamente um inseticida de difícil manipulação e de efeito lento? Havia na época um vasta gama de produtos químicos para uso nos campos de batalhas bem mais eficientes (p. ex. Tabun ou Sarin) a disposição, os quais não foram de forma alguma usados pelo Regime NS, mesmo tratando-se de objetivos militares.

9.2 O relatório Leuchter

Nem no IMT em Nuremberg nem no amplamente divulgado processo sobre Auschwitz em Frankfurt, 1963, foi apresentada uma independente investigação forense de uma câmara de gás. Somente em 1988, ou seja, 43 anos após o final da guerra, foi investigada uma câmara de gás pelo perito norte-americano em técnicas de execução, **Fred Leuchter.** Seguem alguns dos principais resultados do Relatório Leuchter[76]:

9.2.1 Detalhes construtivos

A câmara de gás de Auschwitz que desde décadas é apresentada para milhões de turistas como"original", possui uma simples porta de madeira. Tanto na parte externa assim como na interna, existem maçanetas. Também não existiam qualquer mecanismo especial para fechamento assim como uma vedação, a qual evitaria o vazamento acidental do gás venenoso. Uma das portas tinha no seu terço superior um simples vidro de janela como visor (figura à esquerda).

Porta da câmara de gás em Auschwitz	Porta da câmara de gás em um presídio nos EUA

As portas do cômodo que é indicado como a câmara de gás de Auschwitz, abre-se para dentro. Tenta-se imaginar um gaseamento que, segundo a versão oficial, aconteceu ao longo dos anos e com a freqüência de 30 minutos:

900 pessoas permitem ser tocadas ordenadamente e sem resistência para dentro da câmara de gás e ainda fecham a portinha pelo lado de dentro. Após o gaseamento, o cômodo poderia ser aberto - se possível - somente com muito esforço, pois os corpos caídos ao chão iriam forçosamente bloquear aquelas portas, as quais se abrem para dentro.

Uma tal remendada construção é totalmente inadequada para o alegado fim e é improvável que elas tenham entrado em funcionamento por apenas um dia que seja. Para comparação, apresenta-se na figura à direita a porta de uma câmara de gás no Estado de Dellaware (EUA) destinada à execução individual (construção americana da década de 30).

75 Ácido Prússico (ácido cianídrico, fórmula química: HCN) é um líquido com ponto de evaporação de +27 °C

76 Fred A. Leuchter, *An Engineering Report on the* alleged *Gas Chambers at Auschwitz, Birkenau, and Majdanek, Poland*, Samisdat Publishers, Toronto 1988

9.2.2 Investigação do resíduo de cianureto

Ácido prússico, o principal componente do inseticida Zyklon B, não é somente tóxico para os insetos, animais e pessoas, mas também, quimicamente, ele é altamente agressivo e forma com minerais uma ligação estável por longo tempo. Nas alvenarias das alegadas câmaras de gás deveria portanto ser possível comprovar resíduos (ligações do cianureto), caso estes cômodos tivessem de fato sido colocados em contato anos a fio com a substância. De diferentes locais, Leuchter retirou corretamente umas amostras, principalmente das alegadas câmaras de gás, assim como das câmaras de fumigação, onde, por ninguém refutado, houve de fato o uso diário de Zyklon B, para fumigar cobertores, colchões e peças de vestuário.

As amostras foram seladas e enviadas a um laboratório para determinação do nível de cianureto. As análises mostraram concentrações de cianureto extremamente altas nas alvenarias das câmaras de fumigação, porém, somente um insignificante rastro nas alvenarias das alegadas câmaras de gás. Através deste resultado, pela primeira vez, a tese das câmaras de gás foram refutadas por meios científicos[77].

9.3 O Parecer Rudolf

Como já mostrou a investigação de Fred Leuchter, a determinação do nível de cianureto nas alvenarias das alegadas câmaras de gás é um método científico sem grandes dificuldades, o qual poderia confirmar as teses das câmaras de gás, ou refutá-las definitivamente.

Este princípio foi seguido no início dos anos 90 pelo químico **Germar Rudolf**, paralelamente às suas pesquisas em trabalho de doutorado, o qual ele levava a cabo na área de química inorgânica no Instituto Max-Planck, para pesquisa de materiais sólidos, em Stuttgart. Em seu trabalho[78], Rudolf chegou ao mesmo resultado que Leuchter: extremamente alta concentração de cianureto nas câmaras de fumigação, porém, imperceptíveis rastros nos cômodos que supostamente representam o *corpus delicti* do Holocausto. Desde então, com a apresentação do Parecer Rudolf, não é mais sustentável a tese do criado genocídio industrial por meio de câmaras de gás construídas especificamente para esse fim.

Mas então acontece algo estranho no caso do jovem, e também curioso químico Germar Rudolf:
Após uma reclamação[79] por parte do Conselho Central dos Judeus (Zentralrats der Juden) junto ao diretor da Sociedade Max-Planck, seguiu a demissão sumária do doutorando, pois seu correto trabalho científico, executado metodicamente, supostamente levou a *"conclusões falsas"*. Germar Rudolf que nunca foi condenado e que não tinha ambições políticas, foi acusado de incitação popular. No processo, o advogado de defesa solicitou a repetição da análise incriminatória através de um perito independente. Esta simples solicitação foi rejeitada pelo tribunal seguido da observação de que o Holocausto é um fato "notório". Germar Rudolf foi condenado a 14 meses de prisão sem caução (!) devido ao resultado de uma pesquisa desagradável[80]. Hoje, Rudolf vive nos EUA, onde ele pede asilo político.

Germar Rudolf caiu na moenda da justiça da República Federal Alemã (RFA) devido à sua pesquisa científica, todavia seu trabalho não foi contestado até hoje. Mesmo o diretor de Hollywood, Steven Spielberg, reconheceu o resultado do Parecer Rudolf e - inexpressivelmente - o aceitou. Em seu filme *Os últimos dias* (The Shoah Foundation, EUA 1999), Spielberg deixa claro através de uma legenda, que o santuário do mito Holocausto, a câmara de gás de Auschwitz, é uma "Reconstrução", a qual somente após 1945 foi reformada às condições atuais. Por quê este cômodo ainda é apresentado a milhões de turistas como "original", Spielberg por sua vez não explica.

Também a historiadora e jornalista que mora em Londres, a judia **Gitta Sereny** julgou oportuno reconhecer que Auschwitz foi um *"lugar terrível, mas não um campo de extermínio"* [81].
Este reconhecimento se confirmará cedo ou tarde nos historiadores alemães do serviço público, mesmo se

---

77 Robert Faurisson, *Der Leuchter-Report. Ende eines Mythos* Journal of Historical Review, 1988

78 Germar Rudolf, *Das Rudolf Gutachten*, Castle Hill Publishers, Hastings (UK) 2001

79 Nota de Heinz Jaeckel, Secretário do Zentralrat der Juden ao Prof. Dr. Hans F. Zacher, Presidente da Sociedade Max-Planck de 22 de junho de 1993, ver também: Peter Dehoust, *Ignatz Bubis - die Wahrheit*, Nation Europa, Coburg 1998

80 para uma idéia da visão de Rudolf comparar Wilhelm Schlesiger, *Der Fall Rudolf*, Cromwell Press, Brighton, 1994 e Herbert Verbeke, *Kardinalfragen zur Zeitgeschichte*, VHO, Berchem (Bélgica), 1996

81 Gitta Sereny, *The German Trauma: Experiences and Reflections*, The Times, London, 29 de agosto de 2001

estes senhores até agora não se distinguiram através do impulso à pesquisa e amor à verdade, pelo menos ao que se refere o complexo temático exposto aqui.

9.4 Crematórios

Os crematórios dos campos de concentração são freqüentemente apresentadas como uma outra importante prova do alegado extermínio de judeus, embora sua existência somente demonstre um testemunho sobre o destino dos corpos, ela não produz conclusões sobre a causa da morte. Principalmente em Auschwitz, onde cerca de 65% dos casos fatais sejam devidos à reinante epidemia de tifo da época, um crematório era extremamente necessário para evitar um ainda pior alastramento da epidemia. Por causa do alto nível do lençol freático da região (ca. 50 cm), não era possível enterrar os corpos, assim como a freqüente afirmação de que os cadáveres eram queimados em valas abertas[82].

A investigação técnica de Jean-Claude Pressac referente aos crematórios de Auschwitz tiveram como conseqüência, que a oficial descrição da história diminuiu o número de mortos em Auschwitz de quatro para um milhão. Pressac comenta em seu último livro publicado (veja nota de rodapé 49) sobre uma cifra entre 631.000 e 711.000.

Carlo Mattogno e **Franco Deana** examinaram criticamente o trabalho de Pressac e chegaram a um detalhado relatório técnico, no qual este número ainda é considerado muito alto[83].

Uma apreciação crítica dos crematórios de Auschwitz, principalmente em relação à capacidade, tempo de funcionamento real e consumo de combustível, corrobora a opinião de pesquisadores independentes, que os reencontrados obituários oficiais, em 1989, reflete o provável número de vítimas de forma mais exata. Segundo eles, durante o tempo total de funcionamento do complexos dos campo Auschwitz-Birkenau, cerca de 100.000 pessoas morreram, das quais aproximadamente a metade de crença mosaica.

9.5 Treblinka – análise arqueológica

Treblinka, situada cerca de 120 km a nordeste de Varsóvia, é hoje o segundo principal "campo de extermínio, após Auschwitz. Lá foram supostamente assassinados 900.000 Judeus - segundo cada fonte - através de câmaras de vapor e vácuo, com marteletes hidráulicos ou com os gases de um motor a diesel de submarino. No local do antigo campo de Treblinka foi construído um imponente monumento que deve lembrar estes atos inacreditáveis. Porém, não existe o mínimo rastro nem dos mortos nem das fantásticas alegadas armas do crime.

Historiadores reconhecidos esclarecem a falta de qualquer prova objetiva da seguinte maneira: como não existiram crematórios em Treblinka, os corpos foram jogados em enormes valas coletivas. Quando o campo foi deixado, Himmler instruiu pessoalmente o pessoal do campo, no verão de 1943, a exumar os 900.000 cadáveres e desaparecer com eles sem deixar pistas. Segundo esta descrição, 2.000 a 2.500 corpos foram incinerados sobre uma enorme grelha feita de trilhos de trem e completamente transformados em cinzas. Como combustível fora utilizada madeira extraída das matas, pois nem carvão nem madeira seca eram disponíveis em Treblinka naquela época. As câmaras de gás, assim como outras instalações para o alegado genocídio também desapareceram sem deixar rastros[84].

Esta explicação não é muito elucidativa, pois a Alemanha Nacional-Socialista encontrava-se no verão de 1943, no meio de uma amarga guerra e as prioridades eram certamente outras para a utilização das tropas e das reservas.

---

82 Filip Müller, Tratamento Especial. *Drei Jahre in den Krematorien und Gaskammern von Auschwitz,* Steinhausen, Munique 1979

83 Carlo Mattogno, Franco Deana, *Die Krematoriumsöfen von Auschwitz-Birkenau*, mostrado em: *Grundlagen zur Zeitgeschichte,* Ernst Gauss (Editor) Grabert Verlag Tübingen 1994

84 Ytzak Arad, *Treblinka,* em Encyclopedia of the Holocaust, New York 1997, Pág.. 1481, e.d.

Local da suposta cova coletiva de Treblinka

Para explicar esta contradição, uma equipe de pesquisadores australianos empreendeu em outubro de 1999 uma exaustiva investigação arqueológica da área completa do campo. Como não é permitido escavações no local do memorial, foi utilizado um moderno radar de solo. Esta tecnologia se consolidou através dos anos e é utilizada entre outros por Geólogos, Arqueólogos, Engenheiros Civis e criminalistas, por exemplo na procura de objetos enterrados ou para uma análise completa das características do subsolo.

Os pesquisadores australianos não puderam encontrar no suposto local da cova coletiva para 900.000 pessoas, qualquer tipo de alteração das camadas de terra. O solo está totalmente intacto neste areal pelo menos há 100 anos. Nem restos humanos, nem rastros da alegada exumação e queima puderam ser comprovadas[85]. A investigação arqueológica de Treblinka confirma com isso a descoberta de John C. Ball, o qual comprovou através das fotos de reconhecimento aéreo dos aliados (ver nota de rodapé 39), que Treblinka não era um campo de extermínio, mas sim um pequeno e insignificante campo de trânsito, o qual já em 1943 foi desativado[86].

10. A Verdade imposta pela lei

"Todo problema percorre até seu reconhecimento três etapas: Na primeira, ele é ridicularizado, na segunda, combatido, na terceira, ele é considerado como óbvio"
(Arthur Schopenhauer)

Como é mostrado neste artigo, a representação oficial do Holocausto está impregnada de contradições e meias verdades. Uma pesquisa ideologicamente independente e orientada aos fatos históricos objetivos sobre este complexo tema seria, portanto, muito bem vinda neste momento.

Porém, a reação de historiadores reconhecidos, políticos e jornalistas às aqui lançadas perguntas comporta-se geralmente segundo o seguinte formato: Primeiro, motivos ilícitos são imputados aos cépticos, ou tenta-se diminuir o significado das contradições aqui expostas com argumentos sofismáticos. Se isto não fornece bons resultados, um juiz criminal se esforça para silenciar a boca do delinqüente de opinião.

O instrumento jurídico deste inescrupuloso terrorismo moral é quase sempre o §130 StGB[87] [Incitação popular]. Até 1994, este parágrafo só foi utilizado quando alguém insultou ou de fato incitou a população contra um grupo étnico ou religioso. A simples dúvida sobre a propagada versão oficial da jovem história alemã não era considerada um crime.

O caso do diretor escolar **Günter Deckert**, de Weinheim, foi o estopim para uma dramática radicalização do §130 StGB. Günter Deckert caiu na mira da justiça política, devido ao fato dele, em novembro de 1991 numa reunião pública *"com gestos e mímicas afirmativos"*, ter traduzido para o alemão uma palestra do americano Fred Leuchter. Como Leuchter, devido à sua investigação, colocou em dúvida a tese das câmaras de gás, Deckert foi condenado pelo fórum de Mannheim a 12 meses de prisão por incitação popular.

---

85 Richard Krege, *„Vernichtungslager“ Treblinka - Archäologisch betrachtet,* Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung, 2000; The Examiner, *Poland's Jews not buried at Treblinka*, Sydney, 24 de janeiro de 2000

86 ver também: Carlo Mattogno e Jürgen Graf, *Treblinka: Vernichtungslager oder Durchgangslager*, Castle Hill Publishers, Hastings, Grã-Bretanha, 2002

87 §130 Cap. 3, StGB textualmente: *Punível com pena de reclusão de até cinco anos ou com fiança, aquele que publicamente ou em uma reunião, aprova, nega ou ameniza os atos cometidos sob o domínio Nacional-Socialista contidos no § 220a [Genocídio] Cap. 1, de um modo que seja favorável a destruir a paz coletiva.*

O tribunal alemão da mais alta instância, o *Bundesgerichtshof* (BGH), revogou a sentença de 15 de março de 1994 e entendeu que a declaração e as atitudes de Deckert não representavam uma incitação popular, pois faltava uma ofensa.

Em virtude disto, o Conselho Central dos Judeus na Alemanha criticou publicamente a sentença do BGH e exigiu com a maior ênfase possível, um agravamento do código penal[88]. Após um estranho curto recesso, o parlamento completou o §130 do Código Penal conforme o desejo e indicação do Conselho Central dos Judeus: desde 1 de dezembro de 1994, qualquer um que também declare uma simples dúvida sobre o atual Dogma, de acordo com o §130, Cap.. 3 do Código Penal ("Lei Auschwitz"), é punido com até cinco anos de detenção. Com isso, o instrumento jurídico para um novo desenrolar do processo contra Deckert estava perfeito. Já em abril de 1995, o caso foi novamente discutido no tribunal estadual em Karlsruhe segundo o mais agravado § 130 do Código Penal. Desta vez, o promotor público **Heiko Klein** não se deu ao menor trabalho em comprovar o crime de incitação popular contra Deckert. Ele simplesmente colocou para ele perante o tribunal a seguinte pergunta: ***"Você acredita nas câmaras de gás?"***

Apoiando-se à citação de Nietzsche *"Acreditar não significa não querer saber"*, Deckert respondeu:
"Eu quero saber."

Esta resposta lacônica resultou numa pena de detenção de 2 anos, inafiançável. Por causa de seu "comportamento incorrigível", Günter Deckert já passou até agora mais de cinco anos detido[89].

Desde a promulgação da "Lei Auschwitz", a maquinaria de perseguição política da Alemanha funciona perfeitamente. Segundo o relatório da Proteção da Constituição, foram processados criminalmente entre 1994 até 2000, cerca de **62.000** pessoas em casos de delitos de opinião (denominado no jargão oficial "delito de propaganda"). Somente dois exemplos valem a pena ser citados, para demonstrar como se tornou bizarro o caminho adotado pela justiça política da Alemanha:

Com 78 anos e originário da Silésia, **Walter Sattler**, foi denunciado por um ativista da Juso (Jovens Sociais Democratas) chamado **Ismail Ertug**, por incitação popular, porque ele comparou em novembro de 2000, numa reunião da Associação dos Banidos, a expulsão dos alemães de suas terras de origem com o holocausto. O tribunal de Amberg condenou Sattler a uma pena em dinheiro de 16.000 DM[90]. A sentença entrou em vigor.

Wolf Andreas Heß foi acusado de incitação popular porque ele apresentou na Internet uma entrevista com seu pai, a essa altura falecido. Seu pai declarou nesta entrevista a opinião de que a câmara de gás do campo de concentração de Dachau nunca entrou em funcionamento. Embora este fato não seja ponto de discórdia entre os historiadores, e até mesmo uma placa na câmara de gás indica isso aos visitantes, o tribunal de Munique condenou o estudante de 23 anos em janeiro de 2002 devido a "Negação do Holocausto", a uma pena em dinheiro de 1.350 Euro[91].

Por quê o poder estatal da Alemanha se prende convulsivamente a esta extrema e questionável representação do Holocausto, a ponto de sacrificar a liberdade de expressão, o atual chefe do Feulliton do jornal *FAZ*, **Patrick Bahners**, formulou perplexo, em 1994, o seguinte comentário referente ao processo de Deckert:

"Se a concepção de Deckert sobre o Holocausto fosse correta, a República Alemã teria sido fundada sobre uma mentira. Todos os discursos presidenciais, todos os minutos de silêncio, todos os livros de história seriam negados. Negando o assassinato dos judeus, ele questiona a legitimidade da Alemanha." [92]

Mais acertadamente não se pode descrever a agonia de um Estado preso em seus edifícios de mentira. Como quase todos os historiadores que se ocupam na Alemanha com o tema Holocausto são servidores públicos, (ou seja, funcionários dependentes financeiramente do Estado), não é de se esperar do lado oficial uma discussão irrestrita e objetiva desta temática

Mesmo assim hoje em dia, muitos historiadores reconhecidos e peritos em Holocausto estão cientes que o mito do Holocausto está destinado ao precipício. A seguinte declaração de Jean-Claude Pressac fala por si só.

---

88 *Juden verlangen Gesetzesänderung (Judeus exigem alteração na lei),* Frankfurter Allgemeine Zeitung, 21/03/1994

89 Henry Roques, *Günter Deckert. Der nicht mit den Wölfen heulte*, Germania Verlag 2000

90 Mensch und Maß, 15/2001

91 Notícia da agência Reuters de 24/01/2002

92 Patrick Bahners, *Objektive Selbstzerstörung,* Frankfurter Allgemeine Zeitung, 15/08/1994

11. Resumo e palavra final

"Desleixo, exagero, omissão e mentira caracterizam a maioria dos relatórios daquela época. Virão impreterivelmente novos documentos à luz, os quais abalarão mais ainda a certeza oficial. A atual representação aparentemente triunfante do Holocausto, está fadada ao precipício. O que poderia salvá-la disso? Certamente pouco. É tarde demais!"[93]
(Jean-Claude Pressac)

Que seja registrado textualmente nesta altura, que não é de forma alguma intenção do redator negar a supressão dos direitos civis, expulsões e assassinatos de inúmeras pessoas indefesas no período de 1933 até 1945, ou justificar ou ainda amenizar. Também não se coloca aqui a exigência de fornecer respostas definitivas a questões tão complexas. A intenção do autor é, antes de tudo, apontar para as diversas inconsistências e contradições, as quais foram sorrateiramente ignoradas por historiadores, políticos e jornalistas:

Um genocídio planejado pelo Estado sem ordem, sem plano, sem recursos?
O extermínio físico dos judeus europeus é caracterizado freqüentemente como um dos mais importantes objetivos da ditadura nacional-socialista. Porém, nas toneladas de documentos apreendidos pelos aliados, não encontra-se um único plano, ordem, recurso ou prova documental para esta teoria da conspiração, a qual é chamada hoje em dia de Holocausto.

Seis milhões de mortos e - nenhuma - autópsia?
Em qualquer caso criminal é realizada uma autópsia, a fim de se determinar a forma e o motivo do crime possivelmente sem dúvidas. Porém, até os dias de hoje não se conhece um laudo do IML que comprove um único caso de morte por gaseamento[94].

Seis milhões de mortos e - nenhum - rastro da arma do crime?
Investigações forenses independentes das principais armas dos crimes do Holocausto contrapõem a tese de que milhões de pessoas foram assassinadas em câmaras de gás construídas para esse propósito. Até os dias de hoje, não foram encontrados nem plantas, nem manuais de funcionamento e também uma única foto sequer da câmara de gás em funcionamento. Esta situação de provas muito escassas permitiu ao francês **Robert Faurisson,** resumir o Tendão de Aquiles do mito Holocausto em um única frase: *"Desenhe-me ou mostre para mim uma câmara de gás nazista."*

Testemunhos absurdos, depoimentos obtidos sob tortura?
Os testemunhos e depoimentos que são mostrados freqüentemente como prova do Holocausto, não teriam a menor chance de ser reconhecidos em um processo judicial de um Estado de Direito. Todas as importantes testemunhas, cujos depoimentos puderam ser comprovados numa acareação, envolveram-se de tal maneira em contradições, que elas finalmente tiveram de retirar suas afirmações anteriores. Os depoimentos mais importantes e mais citados originaram-se através de tortura e chantagem.

O Holocausto: um acontecimento único da História?
Enquanto hoje na Alemanha mais pessoas são perseguidas processualmente devido a delitos de opinião do que nos últimos anos do regime da Alemanha Oriental, o sionista confesso **Henryk M. Broder** escarnece: ***"Único não é o Holocausto, mas sim a tolice com a qual os alemães persistem na sua culpa."*** Se pensar que durante um único ataque aéreo dos aliados a uma cidade alemã (Dresden, 13 de fevereiro 1945) morreram provavelmente mais pessoas do que durante todo o funcionamento do campo de concentração de Auschwitz[95], poder-se-ia pensar em aceitar esta caracterização não tão elegante.

---

93 citação segundo: Valérie Igounet, *Histoire du négationnisme en France,* Seuil, Paris 2000

94 Theodore J. O'Keefe, *Die „Befreiung der Lager" - Fakten gegen Lügen*

95 Segundo um relatório da polícia de Dresden, foram enterrados até 20 de março de 1945 um total de 202.040 vítimas de bombardeio aéreo, sobretudo mulheres e crianças. Incluindo os desaparecidos, um número entre 250.000 até 300.000 é realístico. No Brockhaus de 1956 cita-se o número de ca. de 300.000. Por outro lado, segundo os livros de óbito de Auschwitz, reencontrados em 1989, se pode provar ca. de 100.000 casos de morte para todo o período de funcionamento do campo.

Os procuradores públicos e juizes criminais são os melhores historiadores?
Somente em um amplo debate público com liberdade de argumentos será finalmente possível, penetrar na objetiva Verdade histórica. Não obstante, juízes alemães atrevem-se a pronunciar supostas certezas e impõem penas draconianas contra aqueles partidários de outra opinião. O empregado princípio jurídico da "Notoriedade" aplicado na Ciência Histórica é um caso claro de deturpação jurídica e viola a liberdade de expressão, ensino e pesquisa, ancorados na Constituição.

O Holocausto é uma religião estatal?
Alguns teólogos evangélicos tomaram para si o lema *"Deus está morto"* e explicam o paradoxo deste comportamento para clérigos com a afirmação de que, se Deus realmente existisse, ele teria impedido os inúmeros transportes para Auschwitz. Com esta aparente profunda declaração filosófica, os pastores alemães ofendem os sentimentos religiosos de milhões de cristãos. Por outro lado, o mito do Holocausto ganhou as típicas conotações de uma religião estatal: oficialmente a fé sobrepõem o saber, e os não-adeptos são perseguidos pelo Estado.

O mito do Holocausto – cui bono?
Não há a menor sombra de dúvida que durante o domínio Nacional-Socialista, morreram bem menos judeus do que foi declarado logo após o fim da guerra. Isto deveria ser uma agradável notícia para todos aqueles que desejam o bem estar dos judeus. Porém, justamente grupos de interesses judaicos e Filo-semitas rejeitam com veemência esta alegre mensagem. Por quê estes círculos se agarram ao mito do Holocausto, contrariamente às suas consciências?

Finkelstein

Norman Finkelstein, Autor de livros e Professor de Ciências Políticas na *New York Hunter College*, denomina em seu livro *A Indústria do Holocausto*[96] um outro importante motivo para esta instrumentalização: *"O Holocausto é uma arma ideológica insubstituível. Através do uso desta arma em um dos mais temidos países do mundo, onde os direitos humanos da população não-judaica é desrespeitada cruelmente, este país tornou-se um "País de vítimas".*
O mais influente "grupo étnico" nos EUA alcançou também a condição de vítimas. ... Este suposto papel de vítima distribui dividendos consideráveis, particularmente imunidade contra críticas, não importando quão procedentes estas sejam."

O comportamento atual de Israel[97] mostra claramente, como o "povo eleito" sente-se superior em relação a qualquer crítica. Qualquer outro país no Oriente Médio que busca armas de destruição em massa, que anexa um país estrangeiro arbitrariamente e repreende brutalmente a população civil ali presente, seria de imediato bombardeado pelo EUA ao estado da idade da pedra.

A Verdade histórica é indivisível
Logo após o fim da guerra, considerando as emoções daqueles que foram perseguidos pelo regime Nacional-Socialista, podem ter sido aceites sem contradizer alguns exageros, meias verdades ou até mentiras. Porém, não existe hoje o menor motivo para que se desaprova o tema Holocausto de uma análise racional e que o tema seja tratado somente por grupos de interesses judaicos. Estes precisam se confrontar com toda a Verdade, caso eles queiram o reconhecimento de sua história de sofrimento.

Os alemães por sua vez, três gerações após o fim da guerra e ainda coletivamente no banco moral dos réus, também confrontados cada vez mais com descabidas exigências financeiras e políticas, têm o direito a uma descrição não falsificada da história. **O medo perante os dogmas promulgados pela lei deve dar lugar à coragem, permitindo assim o uso da própria cabeça!**

---

96 Original em inglês por Verso London 2000; Edição Bras.: *A Indústria do Holocausto*, Editora Record 2001.
97 Israel desrespeitou mais de 70 resoluções da ONU, outras 30 resoluções contra Israel foram vetadas pelos EUA. O exército de Israel envia rotineiramente tanques e helicópteros de combate para os campos de refugiados. O terror militar permanente e a contínua humilhação da população civil palestina constituem a ordem do dia.

12. Bibliografia complementar

Os seguintes livros são recomendados àqueles leitores que queiram se aprofundar no tema tratado aqui. Apesar de um preconceito vastamente disseminado, não é proibido adquirir, possuir ou presentear aos amigos estes livros com a finalidade de aprimorar seus estudos pessoais.

Butz, Arthur..The Hoax of the Twentieth Century
Christopersen, Thies...........................Die Auschwitz-Lüge
Diwald, Hellmut ....Geschichte der Deutschen
Eggert, Wolfgang...............................Israels Geheimvatikan
Faurisson, Robert...............................O Relatório Leuchter. O fim de um mito
Faurisson, Robert...............................Witnesses to the Gas Chambers of Auschwitz
Finkelstein, Norman ....A Indústria do Holocausto
Fish, Hamilton ....Der zerbrochene Mythos
Friedrich, Jörg....................................Der Brand. Deutschland im Bombenkrieg 1940 - 1945
Gabis, Tomasz ....Die Holocaust-Religion
Gauss, Ernst.......................................Grundlagen zur Zeitgeschichte
Graf, Jürgen ....Der Holocaust auf dem Prüfstand
Graf, Jürgen ....Tätergeständnisse und Augenzeugen des Holocaust
Halow, Joseph....................................Siegerjustiz in Dachau - Ein Amerikaner stellt richtig
Harwood, Richard..............................Starben wirklich Sechs Millionen?
Hoggan, David...................................Der erzwungene Krieg
Irving, David......................................Nuremberg - A última batalha
Kammerer, Rüdiger ....The Rudolf Report
Kardel, Hennecke ....Adolf Hitler, Begründer Israels
Kern, Erich ....Verheimlichte Dokumente. Was den Deutschen verschwiegen wird
Laternser, Hans..................................Die andere Seite im Auschwitz-Prozeß
Lenz, Vera M.....................................Auschwitz und die Auschwitz-Lüge
Maser, Werner ....Der Wortbruch
Mattogno, C. und Graf, J...................Treblinka: Extermination Camp or Transit Camp?
Nicosia, Francis R. ....Hitler und der Zionismus
O'Keefe, Theodore.............................Die „Befreiung der Lager“ - Fakten gegen Lügen
Porter, Carlos.....................................Não culpados em Nuremberg
Rassinier, Paul ....O drama dos judeus europeus
Rassinier, Paul ....Die Jahrhundertprovokation
Rassinier, Paul ....Was ist Wahrheit
Rassinier, Paul ....A mentira de Odysseu
Roques, Henri ....Die „Geständnisse“ des Kurt Gerstein
Roques, Henry ....Günter Deckert. Der nicht mit den Wölfen heulte
Sanning, Walter ....Die Auflösung des osteuropäischen Judentums
Schröcke, Helmut ....Kriegsursachen – Kriegsschuld
Schultze-Rhonhof, Gerd ....Der Krieg, der viele Väter hatte
Shahak, Israel.................................História judaica, Religião judaica
Stäglich, Wilhelm ....Der Auschwitz Mythos
Steffen, Werner..................................Die Zweite Babylonische Gefangenschaft
Walendy, Udo ....Wahrheit für Deutschland
Weckert, Ingird ....Feuerzeichen

(Os título sublinhados estão disponíveis na Internet e podem ser vistos ou salvos gratuitamente).